

Universidade Federal de Sergipe
Pró-reitoria de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras

Caderno de Atividades Pedagógicas

**Coesão Referencial por Substituição Lexical Sinonímica
na Produção Escrita de Fanfictions: Uma Proposta
Intervencionista de Ensino**

Erisvaldo Silva Santos
Renata Ferreira Costa Bonifácio (Orientadora)

São Cristóvão - SE
2020



Universidade Federal de Sergipe
Pró-reitoria de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras

Caderno de Atividades Pedagógicas

Coesão Referencial por Substituição Lexical Sinonímica
na Produção Escrita de Fanfictions: Uma Proposta
Intervencionista de Ensino

Erisvaldo Silva Santos

Renata Ferreira Costa Bonifácio (Orientadora)



Apresentação

Prezado (a) Professor (a),

É importante destacar que o ensino de Língua Portuguesa deve pautar-se na promoção de conhecimentos linguísticos que repercutam o contexto sociocultural dos alunos, funcionando como um instrumento de efetiva participação social e de valorização do protagonismo estudantil. Assim, a escola assume a responsabilidade de viabilizar o ensino e a aprendizagem que visem o pleno exercício da cidadania e de acesso a inúmeros saberes linguísticos.

Nesse sentido, o domínio da leitura e da escrita propicia a concreta participação em sociedade, assim, é relevante que os professores disseminem ações e estratégias construtivas em sala de aula, voltadas ao conhecimento eficaz dessas habilidades. Deste modo, o ensino e aprendizagem permeados pelos diversos gêneros textuais, que circulam nas variadas instâncias da comunicação humana, contribuem para a compreensão real da língua em uso e colaboram para o emprego adequado dos vários recursos linguísticos disponibilizados ao usuário.

O ensino de língua, portanto, passa a ser visto como um conjunto de práticas sociais e cognitivas que se situam historicamente. Esse posicionamento considera a língua como um sistema heterogêneo, social, histórico, cognitivo, indeterminado, variável, interativo e situado, em que a produção de conhecimento será estruturada e desenvolvida em uma forma de ação colaborativa entre os indivíduos na sociedade. Com isso, o texto representa o próprio lugar da interação e os interlocutores são sujeitos ativos que nele se constroem e são construídos socialmente.

Dessa forma, tanto a organização interna quanto os aspectos externos colaboram para a perspectiva de texto como (re)construção das relações de sentido com o mundo no qual ele surge e funciona, rompendo com a fronteira da frase e passando a ser visto como entidade significativa, de comunicação e um artefato sociohistórico. Assim, alcançamos o âmbito das relações contextuais, que se estabelecem no significado existente entre o texto e sua inserção social, cultural, histórica e cognitiva.

À vista disso, esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito das diretrizes do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que objetiva formar professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e aumentar a qualidade das habilidades de leitura e escrita nessa etapa de ensino. Os docentes desenvolvem durante a pesquisa um “produto educacional”, ou seja, um objeto de aprendizagem que busca diminuir ou sanar uma problemática detectada pelo professor-pesquisador, em sua realidade de sala de aula, e que possa subsidiar a prática pedagógica de outros professores de Língua Portuguesa.

Confeccionou-se, portanto, este Caderno Pedagógico, o qual apresenta os seguintes objetivos: contribuir para o desenvolvimento da habilidade de organização coesiva do texto; ampliar o repertório vocabular dos estudantes; potencializar a escrita como ferramenta de protagonismo e inserção social; e possibilitar o letramento digital, os múltiplos letramentos e semioses.

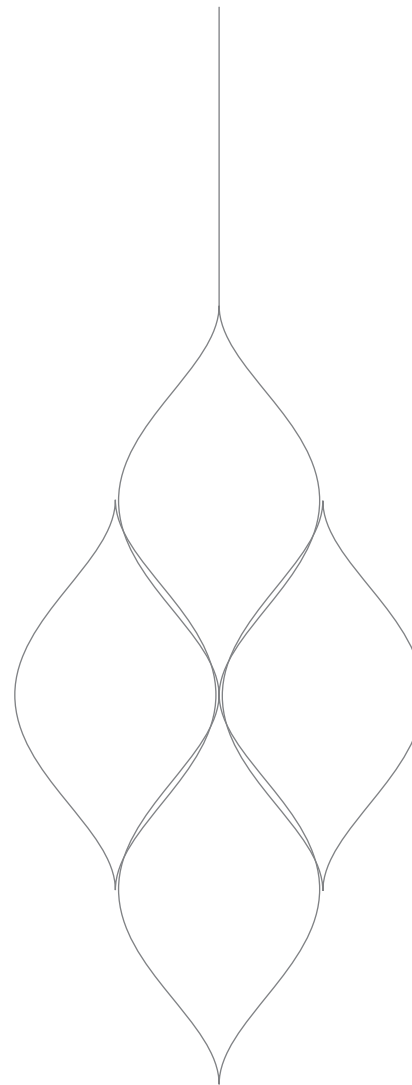
Assim, este material pedagógico é direcionado aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e apresenta estratégias de ensino que contribuem para o emprego adequado da coesão referencial

por substituição lexical sinonímica, atrelado à escrita e reescrita de *fanfictions*, um gênero de texto emergente e que pertence ao universo digital. Desse modo, as atividades foram organizadas numa Sequência Didática que engloba leitura, compreensão e produção textual, além de explorar a seleção e a ampliação vocabular dos alunos. Encontra-se dividido em três momentos pontuais: uma introdução, com breves apontamentos teóricos sobre o estudo da coesão referencial, dos sinônimos, dos multiletramentos, do letramento digital e sobre o gênero *fanfiction*; posteriormente, aparece a sequência de atividades que materializam o Caderno Pedagógico (*Apresentação da situação, Módulo I, Módulo II, Módulo III e Produção final*); por último, são tecidas as considerações finais.

Almeja-se que este Caderno Pedagógico, como instrumento educacional, contribua de forma significativa para a prática docente de Língua Portuguesa, favorecendo uma eficaz aprendizagem dos estudantes no que tange ao desenvolvimento do emprego adequado do mecanismo de coesão referencial por substituição lexical sinonímica na escrita de *fanfictions*.

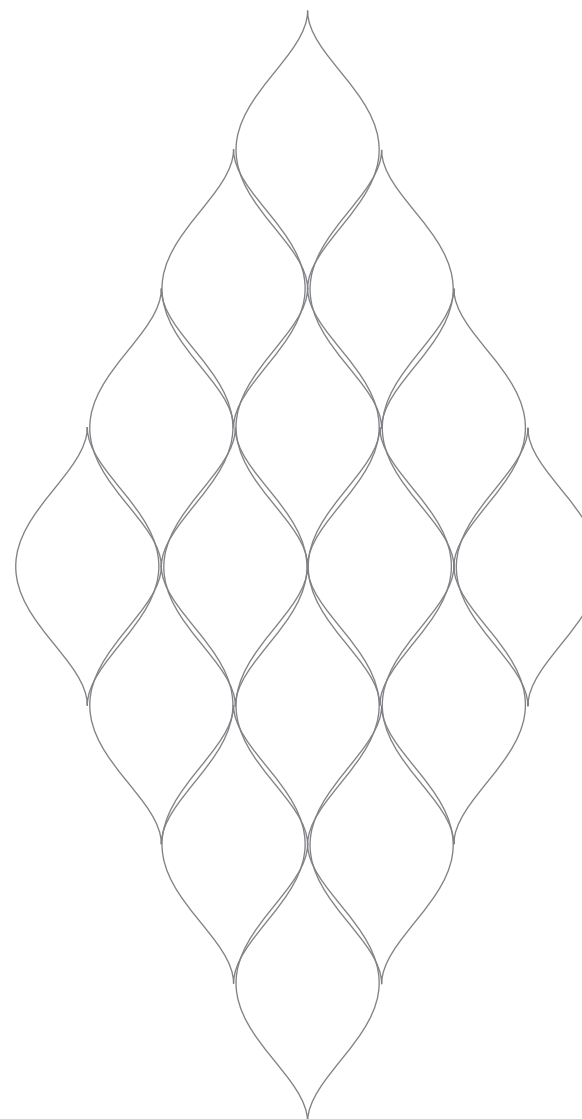
Abraço fraterno!

O autor.



Sumário

Breves Considerações Teóricas	6
<hr/>	
Organização do Caderno Pedagógico	10
Apresentação da situação	14
<hr/>	
Módulo I: o conto e a crônica	17
Oficina I: o conto	17
Oficina II: a crônica	22
<hr/>	
Módulo II: o jogo Tempestade de Sinônimos	27
<hr/>	
Módulo III: a fanfiction em cena	39
Oficina I: o conto e a fanfiction	39
Oficina II: desvendando o fanfiction	50
Oficina III: a produção escrita inicial de uma fanfiction	56
<hr/>	
Produção Final: a reescrita e publicação da fanfiction no blog	65
<hr/>	
Palavras Finais	66
<hr/>	
Referências	67



Breves Considerações Teóricas

A apresentação de algumas considerações teóricas sobre a coesão referencial, o estudo dos sinônimos, os multiletramentos, o letramento digital e sobre o gênero *fanfiction* é importante para se compreender a confecção das atividades presentes neste Caderno Pedagógico, a serem aplicadas em sala de aula.

O objetivo deste material é trabalhar o estudo da coesão referencial por substituição lexical sinonímica atrelada à escrita de *fanfictions*, promovendo, dessa forma, a eficaz concatenação das ideias na produção escrita, por meio do emprego adequado dos sinônimos, além de ampliar o repertório vocabular dos estudantes e favorecer o letramento digital e os multiletramentos, a partir do estudo desse gênero digital.

Assim, este Caderno encontra-se estruturado em cinco etapas pontuais: *Apresentação da situação*, *Módulo I* (duas oficinas), *Módulo II*, *Módulo III* (três oficinas) e *Produção final*. Essas etapas são materializadas numa Sequência Didática, adaptada à proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que apresenta oficinas específicas na abordagem da leitura, compreensão, escrita e reescrita textual, além de se explorar os elementos da narrativa, os recursos coesivos, o estudo do vocabulário e dos sinônimos a partir dos gêneros conto, crônica e, principalmente, *fanfiction*.

Nesse sentido, para a elaboração das atividades que compõem esta ferramenta educacional, utilizou-se, como referencial teórico, principalmente, os estudos de Koch (1999; 2015), no que se refere à coesão referencial, textualidade e produção de texto; as considerações de Oliveira (2010) e Antunes (2009; 2012), que validam a função coesiva do léxico na construção do texto, bem como noções

básicas sobre coesão e coerência; os estudos de Rojo (2012; 2013) sobre os letramentos múltiplos, ao discutir sobre a necessidade de a escola encontrar o seu lugar no ciberespaço e promover os multiletramentos em gêneros multissemióticos; a defesa de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) do conceito de letramento digital; e o estudo delineado por Vargas (2015) sobre o gênero *fanfiction*, evidenciando essa prática de letramento, a transposição espontânea das formas tradicionais de criação e recepção textuais para as novas tecnologias e a autonomia dos jovens na seleção e publicação de textos ficcionais de seu interesse em meio eletrônico.

À vista disso, é relevante destacar que a instância de materialização da escrita acontece de forma efetiva a partir da organização das ideias por meio de constructos mentais, vinculados a experiências que retomam as relações contextuais. Nesse sentido, considera-se a produção de texto um ato meticuloso e hierárquico, que envolve a elaboração das ações, a escolha criteriosa do artefato escrito, a revisão das ideias e sentidos, a concretização em determinado suporte e veículo de circulação. Desse modo, o texto passa a ser visto numa perspectiva processual e colaborativa, vinculado à natureza sociointerativa, isto é, em que os aspectos sociais, culturais, históricos e cognitivos são relevantes no ato de escrever. Assim, os aspectos linguísticos, que envolvem a tessitura textual, não são descartados, ao passo que tanto as relações cotextuais quanto as relações contextuais ocupam o mesmo relevo durante a produção escrita.

Nesse sentido, de acordo com Koch (1999), tomando o texto como uma unidade essencial de manifestação da linguagem, a função

dos mecanismos coesivos é garantir a textualidade, de modo que eles vão tecendo, construindo a tessitura do texto. Portanto, a coesão textual “diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 1999, p. 19).

Desse modo, o elo linguístico estabelecido entre os elementos da superfície do texto irá contribuir para a construção da textualidade, através de duas grandes modalidades de coesão: a coesão remissiva ou referencial e a coesão sequencial. Em relação especificamente à coesão referencial, Koch (1999, p. 30) a define como “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*”.

No tocante à noção de elemento de referência, Koch (1999) considera que é ampla, pois pode ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento oracional, uma oração ou até mesmo todo um enunciado, podendo, inclusive, apresentar novos traços com o avanço do texto, isto é, o referente (re)constrói-se textualmente. Além dessa anotação, é importante destacar que, de acordo com Kallmeyer *et al.* (1974 apud KOCH, 1999, p. 31), “a relação de referência (ou remissão) não se estabelece apenas entre a forma remissiva e o elemento de referência, mas também entre os contextos que envolvem a ambos”.

No que tange aos princípios da referenciação, esta proposta interencionista de ensino contempla atividades que envolvem os seguintes procedimentos, estabelecidos por Koch (2015):

1. **ativação**: consiste na introdução de um referente textual ainda não mencionado e que começa a ocupar um *locus* no texto;

a expressão linguística que o representa permanece em foco no modelo textual;

2. **reativação**: o referente já introduzido é novamente ativado através de uma forma referencial, mantendo ainda o referente textual em foco;
3. **de-ativação**: ativação de um novo referente textual, que agora passa a ocupar o foco, desativando, assim, o referente textual que estava em destaque anteriormente. Ressalta-se que, mesmo fora de foco, este continua a apresentar o *locus* no modelo textual, podendo a qualquer instante ser ativado novamente.

Nesse tocante, considerando a escrita numa perspectiva processual, conhecer e dominar diversos mecanismos de coesão textual é importante para se desenvolver um eficaz planejamento das ideias. Assim, um pertinente recurso linguístico disponível é a variação lexical, materializada pelo emprego adequado da sinonímia, que fortalece a fluidez das ideias na produção escrita e possibilita a substituição de uma unidade por outra equivalente, ou melhor, a permuta de uma palavra já usada no texto por outra de mesmo sentido ou de sentido aproximado.

Ao se empregar esse recurso coesivo, é primordial alertar aos alunos que “a sinonímia não é igualdade de significado, e sim a semelhança de significados” (OLIVEIRA, 2010, p. 135).

Antunes (2009, p. 154) afirma que “somente no contexto da interação – materializado no texto – permite que se decida acerca das efetivas equivalências sinonímicas”. Em outra oportunidade, a autora ainda chama a atenção para o fato de que “a principal função da sinonímia se manifesta no âmbito do texto, quando a ocorrência de uma palavra e de seu sinônimo cria e sinaliza nexos de continuidade e sinais de unidade” (ANTUNES, 2012, p. 78). Dessa forma, é válido reiterar que não existem sinônimos

perfeitos, que expressem absolutamente a mesma coisa. Além disso, o contexto é de vital importância para a determinação da mudança de significado entre as palavras, aproximando-as ou não para o sentido pretendido.

Frisa-se, portanto, que o trabalho eficaz com a sinonímia ganha importância quando visto na cadeia coesiva do texto, em que palavra e seu(s) respectivo(s) sinônimo(s) passam a promover a continuidade do texto. Com isto, é preciso que se desenvolva uma perspectiva textual, sintagmática de construção dos elos coesivos, mantendo a referência anteriormente introduzida.

Em se tratando do trabalho com os multiletramentos, essa perspectiva possibilita retratar na escola a cultura de referência dos alunos e os gêneros textuais e mídias consumidas por esse público. Essa abordagem dissemina outros letramentos, muitas vezes colocados à margem dos muros escolares, e conduz para uma formação crítica, plural e democrática, através dos textos que circulam na vivência sociocultural dos estudantes. Portanto, é relevante adotar o conceito de *multiletramentos*, apontado por Rojo (2012, p. 13) ao afirmar que existem dois tipos relevantes e específicos de multiplicidade presentes em nossa sociedade: “[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

Rojo (2012) destaca que várias são as possibilidades do trato com a *multiplicidade cultural*, que se efetiva socialmente através de textos híbridos de diferentes letramentos, de diferentes campos e por um processo de escolha de ordem pessoal e política. O mesmo acontece com a *multiplicidade semiótica*, que se evidencia em diversos textos de circulação social, tanto nos impressos, quanto nas mídias audiovisuais, digitais ou não. Salienta-se que esses textos são compostos por múltiplas linguagens e exigem aspec-

tos específicos de compreensão e produção para significarem, sendo necessário o aporte dos multiletramentos para o cumprimento de tal finalidade.

Nesse sentido, as novas formas de produção, configuração e circulação de textos necessitam dos multiletramentos. Nesse âmbito, o letramento digital surge como propulsor no processo significativo dos contemporâneos modos de ler, produzir e circular os textos na sociedade, principalmente porque, quando os alunos passam a acessar conteúdos na internet, os textos impressos deixam de ser os únicos materiais vistos na escola. Assim, os novos textos asseguram a construção de emergentes gêneros digitais, como *chats*, *twits*, *fanclips*, *fanfictions*, etc. Conforme aponta Rojo (2013), isso acontece porque dispomos de tecnologias e ferramentas de leitura-escrita que suscitam textos em suas multissemioses e maneiras de significar.

Nesta seara, é conveniente corroborar com o conceito plural da expressão “letramento digital”, uma vez que contempla inúmeras práticas sociais, como navegação e pesquisa na internet, avaliação das fontes de pesquisa, leitura, compreensão e produção de gêneros multimidiáticos etc. Logo, seguimos a concepção de letramentos digitais como “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Esse panorama nos direcionou a retratar o gênero textual *fan-fiction*, ou *fanfic*, comumente chamado por seus consumidores. De acordo com Vargas (2015, p. 21), esse termo resulta “da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original”. Segundo a autora, essa história envolve os cenários, personagens e tramas pre-

viamente desenvolvidos no original, além disso, não há intuito de quebra de direitos autorais ou busca por lucro nessa prática. Esse gênero de texto funciona como uma espécie de coautoria que objetiva o preenchimento de espaços vazios deixados pelo autor na obra original. De forma genérica, podemos caracterizar, portanto, uma *fanfic* como

[...] uma história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinhos, animê, filme ou série de **TV**. *Fanfics* podem ainda ser inspiradas em bandas ou atores favoritos. Geralmente, usam ambientes como *blogs* ou páginas eletrônicas para a mídia escrita, mas navegam também por outros meios, como os vídeos (*fanvids*) ou quadrinhos e *audiofics*. (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p. 74)

Outro fator relevante a se considerar no trabalho com *fanfictions* diz respeito às referências ficcionais partirem de objetos originais diversos, tais como: livros, programas de TV, filmes, *games*, seriados de TV, HQs, animes, músicas, dentre outros, vinculados à realidade sociocultural do aluno, o que desperta a aptidão pelo ato de escrita. Isso pode ser validado pelo motivo de que as produções estarão pautadas no universo do fã-escritor, que conhece

e se dedica ao objeto cultural, o que estimula a busca pela criatividade, através da elaboração de novas possibilidades de leitura ligadas ao que se admira.

Sendo assim, as *fanfictions* perfazem o prisma dos multiletramentos, uma vez que apresentam um caráter interativo, pois sua materialização em rede (*web*) permite que a interação aconteça em vários níveis e com vários interlocutores, ao utilizarem, por exemplo, de sua interface, das ferramentas disponíveis, do contato com outros usuários/textos, etc., propiciando a construção colaborativa. Esse gênero ainda permite que as relações de poder preestabelecidas pela internet, de controle unidirecional da comunicação, da informação e da propriedade dos bens imateriais sejam alteradas, ao passo que, segundo Rojo (2012), a criação de textos, vídeos, músicas, ferramentas, *designs*, muitas vezes controlados e autorais, passam a ser colaborativos e interativos. Por fim, é notável que as *fanfictions*, por apresentarem estrutura em rede e formato/funcionamento hipertextual e hipermidiático, colaboram para uma produção intensa e híbrida, permeada por várias linguagens, mídias e culturas, através da interação e colaboração dos usuários/leitores/produtores.

Em se tratando da *Apresentação da situação*, é importante que o professor apresente aos alunos o projeto didático-pedagógico ao qual eles irão participar, esmiuçando considerações sobre a situação de leitura dos gêneros conto, crônica e *fanfiction* e sobre a produção de texto a realizar-se de modo convencional (manuscrita) e digital (ciberespaço), aliada à presença de atividades que retratam o emprego dos sinônimos como mecanismo de coesão referencial e de ampliação do vocabulário. Portanto, nesta abordagem inicial, faz-se necessário tecer comentários objetivos e sucintos sobre todas as etapas que compõem o Caderno Pedagógico.

É possível observar no *Módulo I* a presença de considerações em torno dos gêneros conto e crônica, ao se enfatizar o universo do texto narrativo, buscando, desse modo, correlacioná-los mais adiante ao gênero *fanfiction*. Além disso, esse módulo traz questões sobre os processos de coesão referencial, com a finalidade de que os estudantes construam conhecimentos acerca desses processos linguísticos na produção escrita.

Nesse tocante, o conto foi escolhido porque se apresenta numa narrativa breve e concisa, geralmente com apenas um conflito, poucas ações, espaços limitados, unidade de tempo definida, número reduzido de personagens, além de apresentar uma linguagem simples e que retrata temas inseridos na realidade cotidiana dos alunos, propiciando, assim, significativas reflexões por meio do referido gênero. A crônica foi selecionada porque esse texto literário se caracteriza como breve, quase sempre narrativo, envolvendo uma trama que geralmente aborda motivos retirados do cotidiano imediato, além disso, é escrita num tom poético, humo-

rístico, reflexivo, dentre outros, o qual retrata circunstâncias vivenciadas no entorno sociocultural do público-alvo.

Dessa forma, os aspectos constitutivos desses gêneros textuais despertam a atenção e participação dos alunos no ato de leitura, colaborando para o trabalho com a produção escrita das *fanfictions*, tendo em vista a proximidade desse gênero digital emergente com os textos literários selecionados. Ademais, os gêneros conto e crônica ainda colaboram com o estudo da coesão referencial e dos sinônimos, já que um leitor/escritor atento ao ato de leitura e/ou produção escrita perceberá o quão é importante a contribuição exercida pelas cadeias coesivas no texto, por meio da exploração do campo semântico-lexical, que assegura a progressão temática das ideias.

Na *Oficina I* desse módulo, foi selecionado o conto *O cavalo imaginário*, de Moacyr Scliar, por retratar o preconceito e a discriminação no espaço escolar, possibilitando trabalhar, dessa forma, uma temática social específica, que se encontra muitas vezes presente na realidade dos alunos, e por ser passível de se explorar de forma ampla a contribuição dos elementos coesivos (de retomada) para a concatenação das ideias estabelecidas no enredo.

Em relação à *Oficina II* deste primeiro módulo da SD, a crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, foi escolhida por apresentar uma linguagem próxima ao cotidiano vivenciado pelos estudantes, com traços de linguagem informal e em tom humorístico. Além disso, o texto retrata uma situação-problema verídica, suscetível de acometer qualquer indivíduo, desenrolada de forma cômica e com um desfecho surpreendente para o leitor, o que favorece também a re-

flexão sobre causa e efeito provocada diante de ações precipitadas e/ou inverdades propagadas como artifício para fugir de dificuldades rotineiras. É pertinente apontar ainda que esse texto colabora para o estudo da coesão referencial, pois contém elos coesivos que favorecem a manutenção da temática do enredo e contribuem para a progressão das ideias por meio de retomadas pronominais, substituições por sinônimos, dentre outros.

Encontra-se no *Módulo II* o jogo pedagógico *Tempestade de Sinônimos*, que foi construído partindo do parâmetro de jogos tradicionalmente reconhecidos, como o “jogo da memória” e “o quebra-cabeça”. Entende-se como jogos tradicionais, segundo Roiphe (2017, p. 20), “aqueles jogos cujas regras são extremamente conhecidas e, portanto, utilizados como modelos para a exploração dos mais diversos conteúdos”. Esse jogo, *à priori*, foi idealizado para o 9º ano do ensino fundamental, sendo passível de adaptação para outras séries escolares (ensino fundamental e médio), e acontece em dois momentos distintos, mas que se complementam, ao aliar a leitura do texto literário a imagens pré-selecionadas, as quais justificam o nome do jogo, e ao dialogar com o uso dos sinônimos na construção de sentidos do texto, a partir do preenchimento de lacunas por meio de vocábulos disponibilizados, pertencentes ao mesmo campo semântico (sinônimos).

Ressalta-se que o *Tempestade de Sinônimos* tem como parâmetro a adaptação da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, trabalhada na *Oficina II* do módulo anterior, com uma adequação pontual de alguns vocábulos e respectivos sinônimos para atender à dinâmica dessa atividade.

Salienta-se que o objetivo maior desse jogo é possibilitar aos estudantes o conhecimento construído por meio do lúdico, da dinamicidade, da execução de estratégias e raciocínio lógico, contribuindo para a ampliação do repertório vocabular e para a leitura das

semioses despertadas pela relação palavra-imagem e ao saudável espírito de competitividade, pois, sobre isso, entendemos que “quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o jogo” (HUIZINGA, 1996, p. 14).

No *Módulo III*, é possível acompanhar o aprofundamento das atividades voltadas ao (re)conhecimento do gênero digital *fanfiction*. Assim, os aspectos voltados à caracterização enquanto gênero textual emergente e digital, ao suporte de circulação, à linguagem empregada, dentre outros, são apresentados. Isso pautado num trabalho comparativo entre as *fanfictions* utilizadas e sua relação paralela com a obra original, como um conto, um romance, um filme etc. Nesse sentido, salientamos para a multimodalidade presente nas *fanfictions*, as quais possibilitam associar imagens, sons e vídeos à escrita das histórias. Assim, as oficinas objetivam desenvolver a capacidade dos discentes em reconhecer e produzir esse gênero e aliar o conhecimento linguístico-semântico (substituição sinonímica) à produção de texto, além de ampliar o repertório lexical dos alunos.

A *Oficina I* desse módulo da SD apresenta o conto *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, e a *fanfiction Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, autoria de Mitlestoe, disponibilizada na plataforma *Nyah! Fanfiction*. O conto foi selecionado por manter um laço com o repertório sociocultural dos estudantes, uma vez que em algum momento da vida escolar eles já mantiveram contato com esse texto literário. Nesse sentido, isso colaborou para a escolha da *fanfiction*, baseada no conto original de *Chapeuzinho Vermelho*, pois facilitou o estudo comparativo entre os textos, com vistas à caracterização do gênero *fanfiction*, estabelecendo, portanto, o primeiro contato com uma *fanfiction* para a maioria dos alunos. Além disso, ambos os textos contribuíram para o propósito central desta pesquisa, ao passo que é possível

explorar a presença de elementos coesivos que sustentam a progressão referencial nessas narrativas.

Na *Oficina II*, a ênfase se dá na apresentação de informações gerais sobre as características do gênero *fanfiction*, no que se refere à composição estrutural, ao conteúdo temático, ao estilo, à linguagem empregada, aos veículos de circulação, dentre outros aspectos. Assim, as atividades devem ser realizadas oralmente, por intermédio do professor, buscando a participação direta dos alunos nas discussões e questionamentos levantados. A sequência de atividades contempla leitura de *fanfictions* e de sinopses de romances da literatura mundial, análise de aspectos pontuais e correlação existente entre as produções escritas. Além disso, pode-se promover um debate coletivo acerca dos textos lidos, abordando as marcas de linguagem, estrutura, suporte, veículo de circulação, função social, público-leitor etc.

Faz-se necessário que o professor caracterize a estrutura que compõe as *fanfictions* lidas, expondo os recursos linguísticos atrelados a esse gênero digital e apontando o diálogo que estabelecem com o texto/obra original, além de se esmiuçar também sua função enquanto gênero que circula socialmente no ciberespaço (em rede).

Em relação à *Oficina III*, os passos da oficina anterior são seguidos, assim, há a leitura, compreensão, interpretação e análise oral dos textos, no que se refere aos aspectos constitutivos da *fanfiction*. Nesse sentido, esta oficina objetiva fortalecer o conhecimento sobre os aspectos intrínsecos à composição desse gênero; orientar os alunos sobre a sua produção escrita individual; ler orientações sobre o processo de escrita de *fanfictions*, presentes num artigo disponível no *site Fanfics Brasil*; e solicitar uma escrita inicial e individual numa folha de produção de texto específica. Portanto, é relevante que o professor retome orientações sobre as características do gênero, além da importância de os alunos respeitarem as convenções da escrita, seja tradicional seja digital.

Na sequência, a folha de produção de texto “A *Fanfiction* em Cena” deve ser entregue aos alunos, que iniciarão a organização e escrita das *fanfictions*. Ressalta-se que, em relação ao suporte, nesse primeiro momento, os alunos realizarão a produção inicial atendendo à escrita convencional, numa folha específica (papel), a qual abrange a indicação de itens geralmente presentes nas plataformas de *fanfictions*, como: *título, autor, sinopse, início, término, atualização, publicação, idioma, classificação, categoria, gênero, personagens, aviso legal* e capítulo. Salienta-se que os campos *sinopse* e *aviso legal* não são de preenchimento obrigatório, ficando a cargo do autor indicar ou não tais informações, caso julgue necessário.

Após a produção escrita, o docente recolherá os textos e fará uma minuciosa análise linguística, voltada ao estudo da coesão referencial por substituição lexical sinonímica. Dessa forma, uma opção viável e eficaz é destacar com cores variadas os vocábulos e/ou expressões que aparecem na produção inicial do aluno em repetição excessiva, empregadas de forma inconsciente, isto é, não-monitorada, que não seguem um fluxo de concatenação das ideias. Essa indicação objetiva direcionar os alunos a tentarem substituir os termos repetidos por possíveis sinônimos correspondentes, ao se reescrever a produção e publicá-la no *blog* da turma (módulo posterior).

Por fim, a etapa que abrange a *Produção final* consiste na reescrita das *fanfictions* produzidas e posterior publicação num *blog* da turma. Assim, a partir das orientações e apontamentos feitos pelo professor, no que diz respeito ao uso repetitivo das palavras, desassociado de sua função coesiva, faz-se necessário que os discentes empreguem a substituição lexical sinonímica adequadamente, funcionando como elo promotor do entrelaçamento das ideias expressas na produção de texto.

Dessa forma, é pertinente que o professor explique sobre a importância da reescrita e da publicação da versão final das *fanfictions* efetuarem-se no ciberespaço (rede), num *blog* da turma, construído diretamente para esse fim. Isso favorecerá o letramento digital e os multiletramentos, ao passo que retrata os novos modos de leitura, produção e circulação de textos. Além disso, com o acesso à internet, os novos gêneros emergentes passam a fazer parte do cotidiano dos alunos, funcionando como ferramentas de leitura e escrita que propiciam as diversas semioses e maneiras de significar o texto e promovem a multiplicidade cultural e semiótica.

Sobre o *blog* da turma, é importante frisar que foi construído com a finalidade de divulgar as *fanfictions* produzidas pelo público-alvo desta pesquisa, colaborar para o letramento digital e tornar a escrita

um instrumento de efetiva participação social e protagonismo estudantil, uma vez que o alcance de uma publicação no ciberespaço é amplo e valoriza a multiculturalidade e a multisssemiose presentes nesse gênero, promovendo o estudo dos *multiletramentos*.

É importante frisar que o docente ainda pode sugerir que a reescrita das *fanfictions* aconteça no *smartphone* dos próprios alunos, ficando a entrega da produção final mediante a publicação dos textos no *blog* da turma. Vinculada ao conteúdo de cada universo narrativo das *fanfictions*, o professor pode também requisitar a cada *ficwriter* (escritor de *fanfiction*) a escolha de um recurso digital¹ (imagem, vídeo, *GIF*, etc.) na internet, que represente sua produção escrita, associando, dessa forma, o verbal ao imagético e despertando para as múltiplas semioses.

¹Ressalta-se que o uso de quaisquer recursos digitais, disponibilizados em meio eletrônico, deve ser devidamente referenciado. Caso não se encontre em domínio público, faz-se necessária a autorização prévia do(s) autor(es), mesmo estando à disposição na internet e com a fonte indicada. Uma ferramenta que facilita e refina essa busca do usuário por recursos sem restrições de uso, compartilhamento ou modificação é a *Pesquisa avançada* da empresa *Google*, disponível em: https://www.google.com.br/advanced_search.

Apresentação da Situação

Nesta etapa inicial da proposta de intervenção, o docente precisa expor para os alunos o projeto didático-pedagógico ao qual eles estarão vinculados, tecendo considerações gerais sobre os módulos e oficinas. Assim, faz-se necessário destacar a situação de leitura, envolvendo os gêneros conto, crônica e, principalmente, *fanfiction*, e sobre a produção escrita ocorrer de modo convencional (manuscrita) e digital (ciberespaço), além das atividades que retratam a abordagem dos sinônimos como um mecanismo de coesão referencial e de ampliação do repertório vocabular.

É importante ainda que o professor comente sobre as etapas a serem exploradas, as datas das aulas e os módulos que compõem o Caderno Pedagógico, delimitando o papel desse instrumento de intervenção conforme a sua realidade escolar.

O quadro a seguir funciona como um modelo que norteia o trabalho do professor em sala de aula, mas que pode ser adaptado a outra realidade educacional. Assim, sintetiza as ações pedagógicas distribuídas neste Caderno, a partir de um resumo da atividade a ser ministrada, do material didático necessário e a duração de cada oficina.

Organização das atividades do Caderno Pedagógico

Módulo / Oficina	Atividades	Material Didático	Duração
APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	Apresentação da situação comunicativa e considerações sobre as oficinas da SD.	Projektor multimídia.	1h/aula
MÓDULO I: OFICINA I	Leitura e discussão sobre o conto <i>O cavalo imaginário</i> , de Moacyr Scliar; Resolução de questionário, com itens sobre a compreensão e interpretação do conto lido, os elementos funcionais e estruturais do texto e sobre aspectos da coesão referencial.	Cópia do conto; Cópia do exercício.	2h/aula
MÓDULO I: OFICINA II	Leitura e discussão sobre a crônica <i>O homem nu</i> , de Fernando Sabino; Resolução de questionário, com itens sobre a compreensão e interpretação da crônica lida, sobre os aspectos que envolvem a função e estrutura do texto, e acerca das particularidades dos mecanismos de coesão referencial.	Cópia da crônica; Cópia do exercício.	3h/aula

Módulo / Oficina	Atividades	Material Didático	Duração
MÓDULO II	Leitura e retomada de aspectos pontuais discutidos sobre a crônica <i>O homem nu</i> , de Fernando Sabino; Apresentação das regras do jogo <i>Tempestade de Sinônimos</i> ; Realização da primeira etapa do jogo <i>Tempestade de Sinônimos</i> : o jogo da memória; Realização da segunda etapa do jogo <i>Tempestade de Sinônimos</i> : organização do quebra-cabeça e o preenchimento das lacunas no texto/jogo montado.	Cópia da crônica; Jogo <i>Tempestade de Sinônimos</i> .	3h/aula
MÓDULO III: OFICINA I	Leitura do conto <i>Chapeuzinho Vermelho</i> , dos Irmãos Grimm; Leitura da <i>fanfiction</i> <i>Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada</i> , de Mitlestoe; Atividade oral com vistas à comparação entre os dois textos no tocante aos elementos funcionais e estruturais; Resolução de questionário com itens sobre a compreensão e interpretação do conto e da <i>fanfiction</i> lida, sobre os aspectos que envolvem a função e estrutura do texto e sobre particularidades dos mecanismos de coesão referencial e, principalmente, sobre a substituição lexical sinonímica.	Cópia do conto; Cópia da <i>fanfiction</i> ; Cópia do exercício.	3h/aula
MÓDULO III: OFICINA II	Leitura, compreensão e interpretação de sinopse sobre o clássico da Literatura <i>Romeu e Julieta</i> , de Willian Shakespeare; Leitura, compreensão e interpretação da <i>fanfiction</i> <i>Uma carta, uma paixão</i> , de MrsGrey; Discussão e correlação entre os elementos funcionais e estruturais dos textos lidos, Leitura, compreensão e interpretação de sinopses do livro e do filme <i>A culpa é das estrelas</i> , de John Green; Leitura, compreensão e interpretação da <i>fanfiction</i> <i>Okay? Okay?</i> , de Lucas Thialy; Discussão e correlação entre os elementos funcionais e estruturais dos textos lidos.	Cópia das sinopses; Cópia das <i>fanfictions</i> .	2h/aula

Módulo / Oficina	Atividades	Material Didático	Duração
MÓDULO III: OFICINA III	<p>Leitura, compreensão e interpretação do conto <i>Felicidade clandestina</i>, de Clarice Lispector;</p> <p>Leitura, compreensão e interpretação da <i>fanfiction Felicidade clandestina</i>, de Indythomasi;</p> <p>Discussão e correlação entre os elementos funcionais e estruturais dos textos lidos, além de apontamentos sobre os mecanismos linguísticos e gramaticais;</p> <p>Leitura do artigo <i>Como escrever uma fanfic</i>, disponível no site <i>Fanfics Brasil</i>;</p> <p>Orientações sobre a produção do texto, evidenciando as características desse gênero textual e as convenções da escrita;</p> <p>Entrega da folha de produção individual <i>A fanfiction em cena</i>;</p> <p>Produção escrita individual;</p> <p>Recebimento da produção inicial dos alunos (<i>fanfictions</i>) para análise e posterior devolução pelo professor.</p>	<p>Cópia do conto;</p> <p>Cópia da <i>fanfiction</i>;</p> <p>Cópia do artigo;</p> <p>Folha de produção escrita individual <i>A fanfiction em cena</i>.</p>	4h/aula
PRODUÇÃO FINAL: A REESCRITA E PUBLICAÇÃO DA FANFICTION NO BLOG	<p>Devolução da escrita inicial das <i>fanfictions</i> aos alunos, após análise;</p> <p>Orientações sobre a reescrita (produção final) dos textos, considerando os aspectos funcionais e estruturais do gênero e o emprego dos sinônimos com função coesiva, além da publicação ocorrer no ciberespaço;</p> <p>Reescrita individual das <i>fanfictions</i> no <i>smartphone</i> de cada aluno;</p> <p>Publicação dos textos no <i>blog</i> da turma <i>Fanfiction em cena: um gênero, múltiplas semioses</i>.</p>	<p>Suporte eletrônico individual ou institucional: <i>smartphone, tablet, notebook, desktop</i>, etc.</p>	2h/aula



Módulo I

O Conto e a Crônica

Oficina I – O Conto

Leitura, compreensão e interpretação de texto

Leia o texto a seguir e responda às questões:

O Cavalo Imaginário

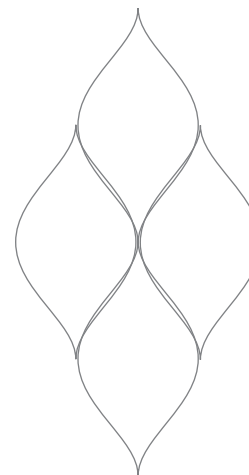
(Moacyr Scliar)

Nós todos frequentávamos o mesmo colégio, naquela pequena cidade do interior. Um colégio privado, e muito caro, o que, para nossos pais, não chegava a ser problema: éramos, meus amigos e eu, filhos de fazendeiros. Nossos pais tinham grandes propriedades. E tinham muito dinheiro. Nada nos faltava. Andávamos sempre muito bem-vestidos, comprávamos o que fosse necessário para o colégio e gastávamos bastante no bar da escola.

Aos domingos nos reuníamos para andar a cavalo. Cavalos não faltavam nas fazendas de nossos pais, animais de puro-sangue e bela estampa. Cada um de nós tinha a sua própria montaria, e não estou falando de pôneis, aqueles cavalinhos mansos; não, estou falando de cavalos de verdade, cavalos que corriam muito e saltavam obstáculos. Estou falando de equitação, aquele nobre esporte. Nossos pais faziam questão de que fôssemos excelentes ginetes. Tínhamos até um professor, que nos treinava na arte de cavalgar.

Eu disse que cada um de nós tinha um cavalo, mas isso não é verdade. Havia um que não tinha cavalo. O Francisco.

O Francisco não era filho de fazendeiro. O pai dele tinha uma profissão humilde, era sapateiro. Na verdade, o Francisco só estava



em nossa escola porque havia recebido uma bolsa de estudos - era um garoto muito inteligente e muito dedicado. Mas o que fazia em nosso grupo?

Boa pergunta. Acho que nenhum de nós saberia como responder. Diferente dos outros garotos da escola - a maioria dos quais nos detestava -, ele tinha por nós uma admiração que beirava a reverência. Sempre que podia estava por perto. Mais do que isso, oferecia-se para prestar pequenos serviços. Se um de nós queria um refrigerante, o Francisco ia buscar. Se um de nós deixava de apresentar o trabalho solicitado pelo professor, Francisco se encarregava de fazê-lo. Por isso, e só por isso, nós o tolerávamos. Por isso, e só por isso, permitíamos que andasse conosco. Durante a semana, bem entendido; porque no domingo as coisas mudavam. No domingo ele voltava para o seu lugar. Domingo era o dia de cavalgar, e, do alto de nossas selas, nós contemplávamos, altaneiros, o mundo a nosso redor. Como eu disse, Francisco não tinha cavalo. Isso não impedia que cedo já estivesse no clube hípico, esperando por nós. Ficava a olhar-nos, enquanto galopávamos de um lado para o outro. E nós gostávamos de tê-lo como plateia, porque nos aplaudia entusiasticamente. Mais do que isso, procurava imitar-



-nos: galopava de um lado para o outro, como se estivesse montando um cavalo imaginário. Nós na pista, cavalgando - ele, ao lado da pista, trotando de um lado para outro e gritando como nós gritávamos, aqueles brados que os cavaleiros soltam quando se entregam ao esporte das rédeas.

De um modo geral, achávamos engraçado aquilo. Não Rodrigo.

Era um cara desagradável, aquele Rodrigo. Mesmo nós, que éramos amigos dele, tínhamos de reconhecer: um garoto intratável, agressivo com os colegas e até com os professores. A má fama que o nosso grupo tinha devia-se sobretudo a ele. Mas a verdade é que tínhamos de aceitá-lo: seu pai não apenas era o maior fazendeiro da região, como também ocupava o cargo de prefeito da cidade. Rodrigo era seu filho caçula - e o mais mimado. Um garoto estragado, como dizia meu pai.

Rodrigo não gostou nada daquela história. E nos disse:

- Não quero mais saber desse tal de Francisco nos imitando.

Procuramos convencê-lo de que se tratava apenas de uma brincadeira. Inútil: Rodrigo estava furioso mesmo.

- Vou resolver essa coisa à minha maneira - garantiu.

Foi o que fez. Num domingo, enquanto Francisco cavalgava seu cavalo imaginário, Rodrigo se aproximou dele. Apeou e comandou:

- Desça de seu cavalo.

Francisco obedeceu: desceu do fictício cavalo.

- Nós vamos fazer uma aposta - disse Rodrigo. - Se eu perder, entrego-lhe o meu cavalo. Se você perder, entrega-me o seu.

- Que aposta é? - indagou Francisco, numa voz trêmula.

- Uma corrida - disse Rodrigo. Apontou umas árvores, a uns duzentos metros de distância: - Até ali, e voltamos. Quem chegar aqui primeiro, ganha.

Lembro-me de que o sangue me subiu à cabeça.

- Olhe aqui, Rodrigo - comecei a dizer -, você não pode -

Francisco me interrompeu:

- Eu aceito a aposta - disse, com voz firme, ainda que meio **embarcada**. - Quero correr.

Foi uma coisa patética de se ver. Os dois se colocaram lado a lado e, a um sinal, começou aquela coisa maluca. Rodrigo simplesmente trotava em seu magnífico cavalo, Francisco corria atrás - sem conseguir alcançá-lo. Rodrigo foi até as árvores, voltou. Minutos depois chegou Francisco, ofegante. Rodrigo mirou-o com arrogância:

- Parece que eu ganhei, não é mesmo?

Francisco, ainda ofegante, permanecia calado.

- Seu cavalo agora é meu - continuou Rodrigo. - E sabe o que vou fazer com ele? Vou soltá-lo no campo. Ele agora está livre, você não pode mais montar, entendeu?

Francisco, quieto. Rodrigo apanhou as rédeas imaginárias e foi até o portão do clube. Ali, espantou o suposto cavalo aos gritos. Feito isso, montou em seu próprio cavalo e foi embora.

Francisco nunca mais foi ao clube. Aliás, ele nem ficou na cidade. Segundo o pai, tinha ido morar com os avós num lugar bem distante.

Nunca mais o vi. Não sei o que foi feito dele. Dizem que vende automóveis, não sei. Mas tenho certeza de que sei com o que sonha: com um belo cavalo, no qual, montado, galopa à vontade por um imenso campo que não tem limites.

SCLIAR, Moacyr. O cavalo imaginário. In: Scliar, Moacyr; Fonseca, Rubem; Miranda, Ana. Pipocas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



1. “Cada um de nós tinha a sua própria montaria [...] estou falando de cavalos de verdade, cavalos que corriam muito e saltavam obstáculos”. No início do texto, o narrador afirma que ele e seus amigos tinham à disposição os cavalos que desejassem. Por quê?

2. O conto pode ter tanto narrador-personagem como narrador-observador. Que tipo de narrador o conto “O cavalo imaginário” apresenta? Justifique sua resposta.

3. O tempo e o espaço são elementos importantes para a construção de sentidos dos textos narrativos. No conto “O cavalo imaginário”:

a) Onde acontecem os fatos narrados?

b) Levante hipóteses: Qual é o tempo de duração dos fatos narrados no conto? Justifique sua resposta.

4. Indique **duas diferenças** existentes entre o personagem Francisco e o grupo de amigos.

Francisco	Grupo de Amigos

5. De acordo com o narrador, apesar de Francisco não representar o grupo de amigos, o garoto era “tolerado”. Por quê?



6. Nessa relação de amizade construída entre as personagens durante a vida escolar, qual era o principal impacto causado na vida de Francisco aos domingos?

7. Aponte **três características psicológicas** das personagens abaixo:

Francisco	Rodrigo

8. O que o personagem Rodrigo representou na vida de Francisco?

9. Em sua opinião, a atitude de Rodrigo foi correta? Justifique sua resposta.

10. No final do conto, qual foi a conclusão a que o narrador chegou?

11. No trecho “No domingo **ele** voltava para o seu lugar” (5º parágrafo), o termo em destaque se refere a qual expressão do texto?

- a) cavalo imaginário
- b) Rodrigo
- c) Francisco
- d) professor



12. No trecho “Mais do que **isso**, oferecia-se para prestar pequenos serviços” (5º parágrafo), o termo destacado faz referência a qual ação verbal expressa no texto?

- a) detestar os garotos
- b) admirar os garotos
- c) estar próximo dos garotos
- d) prestar serviços aos garotos

13. Um recurso que possibilita a progressão das ideias no texto é a **substituição** da palavra repetida por **sinônimos**. Complete o quadro a seguir com possibilidades de expressões sinônimas para cada palavra repetida no texto lido:

Colégio		
Cavalo		
Garoto		

14. Retoma-se adequadamente o referente “**Francisco**” por meio de um pronome pessoal no segmento:

- a) “Rodrigo se aproximou dele” (parágrafo 13)
- b) “ele, ao lado da pista, trotando de um lado para outro [...]” (5º parágrafo)
- c) “Ele agora está livre [...]” (parágrafo 25)
- d) “Cada um de nós tinha a sua própria montaria [...]” (2º parágrafo)

15. No fragmento de texto “– Eu aceito a aposta – disse, com voz firme, ainda que meio **embargada**” (parágrafo 21), o vocábulo destacado é sinônimo de:

- a) rouca
- b) reprimida
- c) encorajada
- d) descontraída



Oficina II – A Crônica

Leitura, Compreensão e Interpretação de Texto

Leia o texto a seguir e responda às questões:

Homem Nu

(Fernando Sabino)

Ao acordar, disse para a mulher:

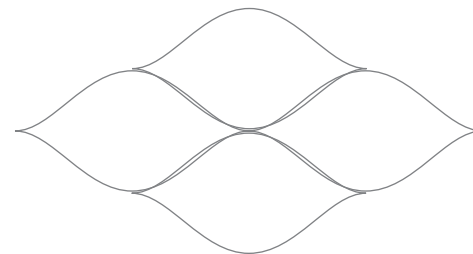
– Escuta, minha **filha**: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

– Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando **ele** vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo **despido** o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o **ruído** da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:



– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria



com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um **tarado**!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a **polícia** — disse ele, ainda **ofegante**, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando. O homem nu. **Conto Brasileiro**, 2019. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-homem-nu-cronica-de-fernando-sabino/>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.)



1. Qual circunstância levou o homem sair nu e ficar preso do lado de fora de seu apartamento?

2. Considerando a figura do narrador na crônica lida, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador é um dos personagens da história.
- b) O narrador é observador.
- c) O narrador é, além de observador, onisciente.
- d) O narrador é protagonista da história.

3. Como o conto, a crônica é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais, que apresenta poucas personagens, poucas ações e tempo e espaços reduzidos. Na crônica "O homem nu", indique:

a) Personagens envolvidas na história:

b) Lugar(es):

c) Tempo:

4. Qual foi o motivo que levou a esposa a não abrir a porta do apartamento para o marido?

a) porque ela não ouviu o marido tocar a campainha e bater na porta.

b) porque ela saiu para efetuar o pagamento da prestação da televisão.

c) porque ela pensou que fosse o cobrador, logo, havia combinado com o marido de não abrir a porta.

d) porque gosta de cumprir suas obrigações, então resolveu castigar o marido por não ter pagado a prestação da televisão no dia certo.

5. Explique por que o personagem resolveu entrar desesperadamente no elevador do prédio.

6. O que motivou a senhora a confundir o homem nu com o padeiro?



7. Os fatos narrados na crônica já aconteceram, estão acontecendo ou ainda vão acontecer? Escreva duas passagens do texto para justificar sua resposta.

8. Aponte duas **características psicológicas** das personagens abaixo:

Marido	Esposa

9. O que você achou do desfecho da crônica “O homem nu”? Por quê?

10. Considerando o contexto da crônica, o autor fez uso de palavras sinônimas para tratar do vocábulo **mulher**, evitando, assim, repetições desse termo.

Assinale a alternativa em que todas as palavras foram usadas com esse objetivo:

- a) esposa, empregada, Maria
- b) radiopatrulha, esposa, Maria
- c) Maria, filha, esposa
- d) esposa, Maria, velha

11. Releia estes trechos:

I. “Ouviu lá dentro o **ruído** da água do chuveiro interromper-se de súbito [...]”

II. “– Deve ser a **polícia** – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.”

Identifique no texto um possível **sinônimo** para os vocábulos destacados em I e II.

12. No segundo parágrafo, a expressão destacada em “– Escuta, minha **filha**” refere-se à:

- a) empregada
- b) radiopatrulha
- c) velha
- d) mulher



13. Na frase “Pouco depois, tendo **despido** o pijama [...]” (5º parágrafo), um sinônimo adequado para a palavra destacada nessa passagem do texto é:

- a) desprovido
- b) colocado
- c) vestido
- d) escolhido

14. Os **sinônimos** tornam possível a **substituição** de um termo repetido por outro com sentido aproximado, possibilitando, dessa forma, a fluidez das ideias no texto.

Associe as duas colunas, relacionando corretamente cada palavra repetida no texto lido a uma possibilidade de substituição por um respectivo sinônimo:

- | | |
|----------------|---------------------|
| a) apartamento | () toalete |
| b) dinheiro | () pacote |
| c) banheiro | () transpiração |
| d) velha | () grana |
| e) embrulho | () residência |
| f) suor | () senhora |

15. Sem prejudicar o sentido das ideias expressas ao longo do texto, a palavra “**pão**” poderia ser substituída, em algumas passagens, por:

- a) biscoito
- b) massa

- c) bolacha
- d) alimento

16. No penúltimo parágrafo, em “– Deve ser a polícia – disse ele, ainda **ofegante**, indo abrir [...]”, a palavra em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

- a) enérgico
- b) cansado
- c) confiante
- d) animado

17. No trecho “[...] quando **ele** vier a gente fica quieto aqui dentro [...]” (4º parágrafo), o pronome destacado está se referindo ao:

- a) policial
- b) sujeito
- c) padeiro
- d) vizinho

18. A quem se refere a palavra **tarado**, empregada nos últimos parágrafos do texto?

- a) à radiopatrulha
- b) ao cobrador da televisão
- c) ao homem despido
- d) ao vizinho

Módulo II

O Jogo *Tempestade de Sinônimos*



O jogo da memória e quebra-cabeça
Tempestade de Sinônimos

1. APRESENTAÇÃO

O jogo *Tempestade de Sinônimos* foi organizado a partir de jogos tradicionalmente reconhecidos, como o “jogo da memória” e o “quebra-cabeça”. Esse jogo acontece em duas etapas distintas, mas que se complementam, e busca promover o uso consciente e adequado dos sinônimos no entrelaçamento das ideias construídas num texto e ampliar o repertório vocabular dos estudantes.

No tocante aos objetivos desse jogo pedagógico, as seguintes ações foram traçadas:

- **ampliar** o repertório vocabular dos estudantes, especificamente em relação ao estudo de palavras/expressões sinônimas, atrelado ao contexto;
- **estreitar** o laço com a leitura do texto literário escrito e com as múltiplas semioses que as imagens despertam;
- **estimular** o desenvolvimento da memória, atenção e concentração dos estudantes;
- **aperfeiçoar** o raciocínio lógico em habilidades como observar, comparar, analisar e sintetizar.

Em relação à sua composição, o jogo *Tempestade de Sinônimos* apresenta as seguintes peças, indispensáveis para sua realização:

- **40 cartas**, distribuídas em 20 pares de sinônimos;

- **24 peças** que juntas formam um quebra-cabeça de um texto;
- **20 peças menores** (sinônimos confeccionados para preenchimento das lacunas do texto, tanto no quebra-cabeça montado quanto na imagem impressa em material plástico de PVC);
- **Imagem do texto/quebra-cabeça** colada a um suporte resistente (PVC) para preenchimento das lacunas.

Figura 1 – Jogo da memória *Tempestade de sinônimos*



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 2 – Quebra-cabeça *Tempestade de sinônimos*



Fonte: Dados da pesquisa.

2. ORGANIZAÇÃO

Os alunos serão divididos em duas equipes, cada uma composta por quatro (04) a seis (06) integrantes. Eles próprios farão essa divisão, considerando o laço afetivo estabelecido em classe. O jogo *Tempestade de sinônimos* é organizado em algumas etapas, a saber:

Num primeiro momento, o professor entregará impressa a crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, aos estudantes, que, juntos, farão sua leitura, com a finalidade de se intensificar o trato com o texto literário e de retomar alguns apontamentos importantes vistos no primeiro contato com o texto, buscando a compreensão e reflexão sobre temáticas socioculturais que circundam o universo dos estudantes.

Na segunda etapa, os alunos serão convidados a participar do “jogo da memória”, o qual é constituído por quarenta (40) cartas, formando vinte (20) pares que se inter-relacionam, sendo metade das cartas palavras sinônimas que se encontram no texto supracitado (adaptado). Além disso, ressalta-se que as cartas apresen-

tam como marca d’água quatro (04) imagens pré-selecionadas, ou seja, cada imagem, que faz jus ao título do jogo, representa dez (10) cartas, isto é, cinco (05) pares de sinônimos. Cada equipe terá como objetivo formar pares de cartas ao relacionar a palavra da carta selecionada a seu respectivo sinônimo. A leitura da imagem contribuirá também para a formação dos pares, bem como para a resolução do quebra-cabeça na etapa seguinte.

Como terceira etapa, as duas equipes em conjunto montarão um ‘quebra-cabeça’ de uma versão adaptada do texto lido, organizado em quatro (04) imagens pré-selecionadas e colocadas ao fundo (marca d’água) do texto, totalizando vinte e quatro peças (24), ou seja, seis (06) peças para cada imagem. Após a montagem, cada equipe separadamente terá, de maneira alternada, que preencher as lacunas existentes no texto montado, por meio de vinte (20) peças (palavras sinônimas) disponibilizadas à parte.

A pontuação será distribuída da seguinte forma:

- “**jogo da memória**”: cada par de sinônimo formado valerá cinco (05) pontos;
- “**quebra-cabeça**”: cada palavra sinônima associada à lacuna correta constituirá cinco (05) pontos.

3. REGRAS DO JOGO

As regras estabelecidas para este jogo baseiam-se nas considerações elencadas por Huizinga (1996, p. 33), ao caracterizar o jogo como uma atividade ou uma ocupação voluntária que é “exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias”. Desse modo, para alcançar a efetividade dos objetivos do jogo *Tempestade de sinônimos*, o professor deverá ler e esclarecer minuciosamente todas as regras aos estudantes, bem como prezar pelo seu cumprimento, valendo-se da ideia de que “as regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão” (HUIZINGA,

1996, p. 14). Desse modo, o jogo supracitado organiza-se por meio das seguintes regras:

I • Serão formadas duas equipes com quatro (04) a seis (06) integrantes cada. A escolha ficará a critério dos alunos, considerando o laço afetivo estabelecido em classe. Os integrantes de cada grupo deverão escolher um “nome simbólico” para representar a equipe, com o objetivo de identificá-los durante a realização das partidas.

II • O professor anotará a pontuação na lousa, tornando visível os pontos obtidos por cada equipe.

III • O professor fará a leitura da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino. Quanto à recepção do texto, serão feitos breves comentários pelo docente e requisitada a participação oral dos alunos em torno do texto literário lido.

IV • O professor solicitará que um representante de cada equipe se apresente para decidir quem iniciará o “jogo da memória” (par ou ímpar). As equipes deverão alternar os jogadores a cada rodada.

V • A equipe ganhadora iniciará o jogo selecionando uma carta, colocando-a sobre a mesa para que assim fique à vista de todos; posteriormente, uma segunda carta será escolhida, repetindo-se o procedimento anterior. Com isso, o aluno que está jogando deverá responder a seguinte pergunta feita pelo professor: “Essas duas palavras são sinônimas?”, afirmando como resposta “sim” ou “não”.

VI • A equipe terá quinze (15) segundos para responder à pergunta. Todos que compõem o grupo podem ajudar o representante na resolução da pergunta. Em caso de acerto, a equipe continua selecionando cartas; se errar, ou o tempo finalizar, passará a vez para a equipe adversária.

VII • Cada par de cartas com respectivos sinônimos corresponderá a cinco (05) pontos. A pontuação será cumulativa para a segunda etapa do jogo.

VIII • Na segunda etapa, as duas equipes serão convidadas para montarem em conjunto um “quebra-cabeça”, construído a partir de uma versão adaptada da crônica lida.

IX • Após a montagem do jogo (relação entre texto e imagem), o professor solicitará que um representante de cada equipe se apresente para decidir (par ou ímpar) quem iniciará o preenchimento das lacunas no quebra-cabeça com as peças (sinônimos) disponíveis. Serão disponibilizadas vinte (20) peças, vocábulos que representam sinônimos de palavras em destaque no texto (cor vermelha), identificação essa que funciona como pista textual. Saliencia-se que a palavra destacada pode ter o seu respectivo sinônimo em uma lacuna próxima, bem como distante de sua aparição.

X • Cada equipe jogará apenas uma vez a cada rodada, alternando os jogadores, a fim de que todos participem.

XI • O representante escolhido para a primeira rodada começará pela primeira palavra destacada no texto (cor vermelha), escolhendo o respectivo sinônimo na lista de peças disponibilizadas, e assim sucessivamente.

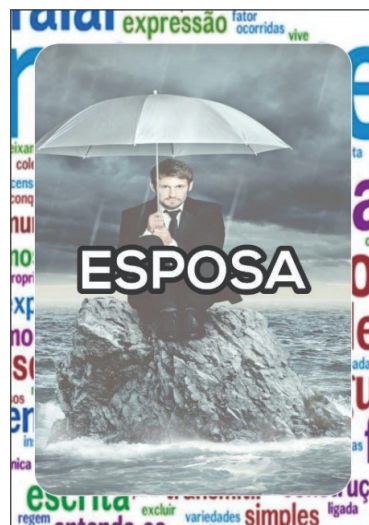
XII • As equipes terão um minuto (1 min) para inserir o vocábulo escolhido à lacuna adequada. Caso o tempo finalize ou o participante erre, tanto na relação sinonímica entre a palavra destacada no texto e a peça escolhida (sinônimo), quanto no preenchimento inadequado da lacuna, passará a vez para a equipe adversária. A cada preenchimento adequado de uma lacuna, serão computados cinco (05) pontos para a equipe.

XIII • É obrigatória a leitura em voz alta do trecho/frase/período do texto em que a peça foi encaixada.

XIV • Vencerá a partida, de forma simbólica, a equipe que obtiver o maior número de pontos acumulados nos dois jogos.

O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

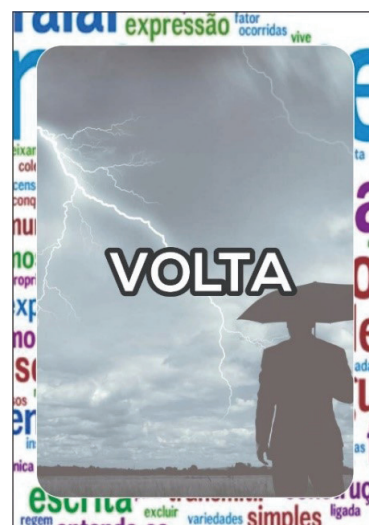
- Frente das cartas:



Fonte: Dados da pesquisa.

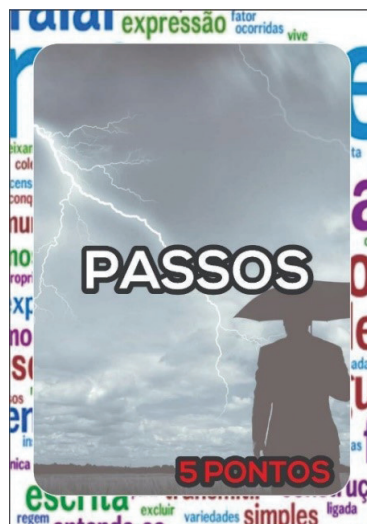
O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

- Frente das cartas:



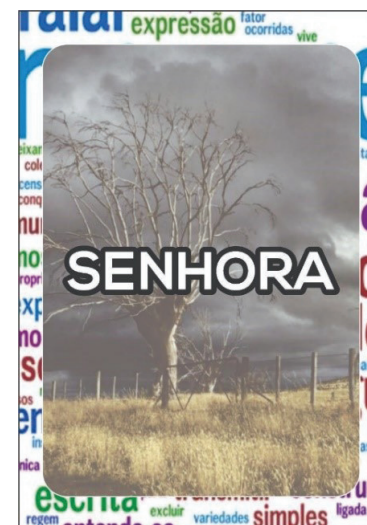
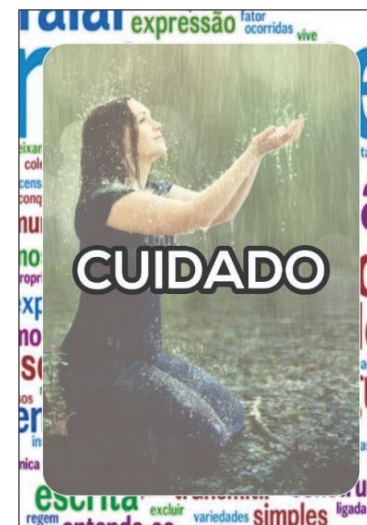
O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

- Frente das cartas:



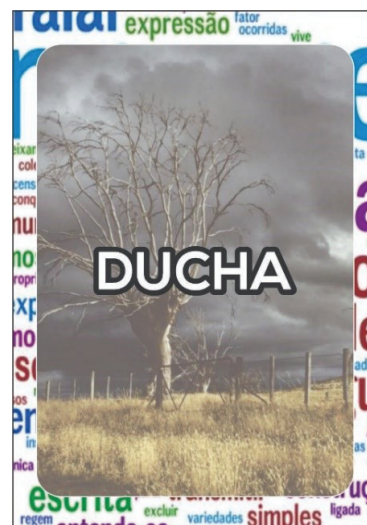
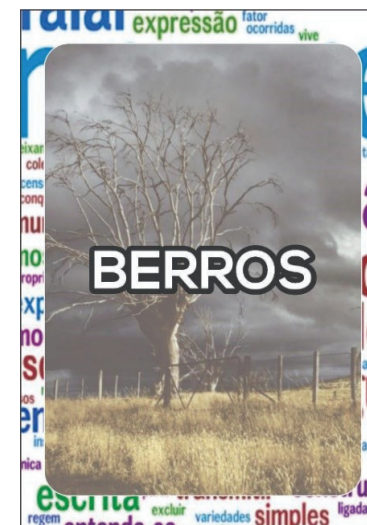
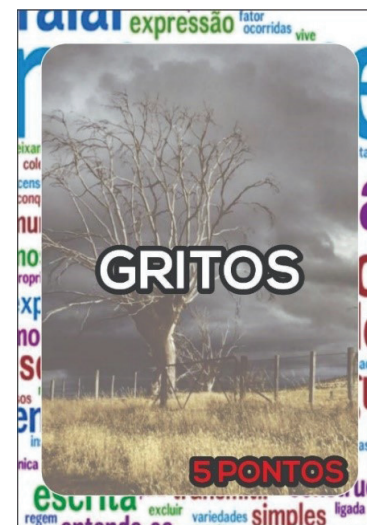
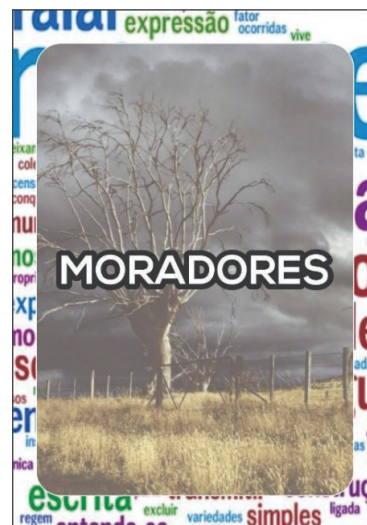
O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

- Frente das cartas:



O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

- Frente das cartas:



Fonte: Dados da pesquisa.

O jogo da memória *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar

- Verso das cartas:



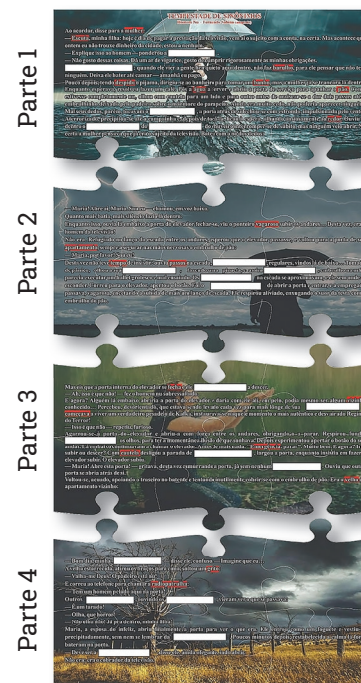
Fonte: Dados da pesquisa.

Peças menores (sinônimos para preenchimento das lacunas do texto/quebra-cabeça) para imprimir e recortar

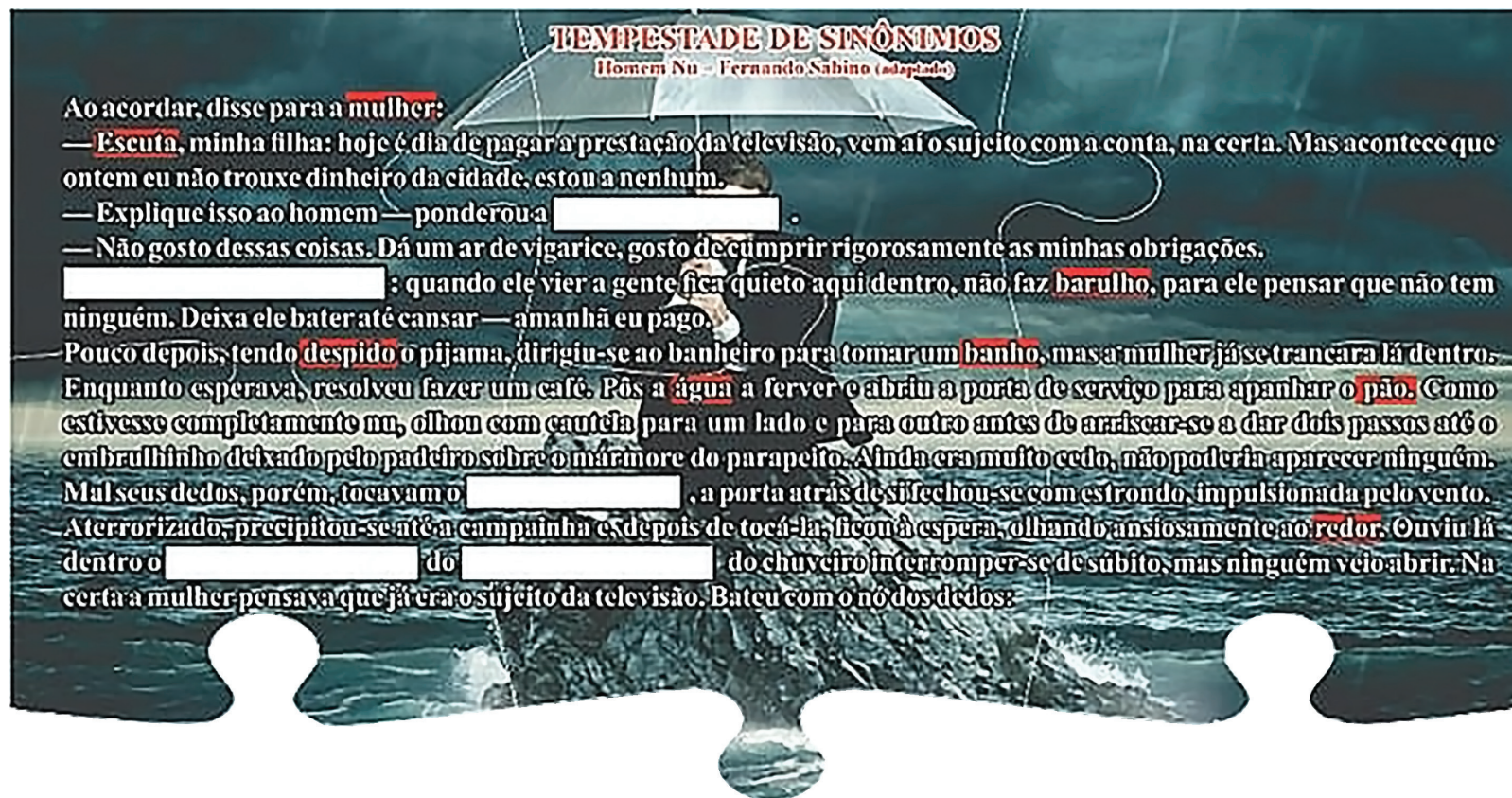
OUÇA	ESPOSA	ALIMENTO	LÍQUIDO
RUÍDO	LENTOS	VOLTA	MOVIMENTOS
MOMENTO	DESNUDO	INICIA	RESIDÊNCIA
TRANCADO	CONTINGÊNCIA	SENHORA	CUIDADO
MORADORES	BERROS	DUCHA	POLÍCIA

Fonte: Dados da pesquisa.

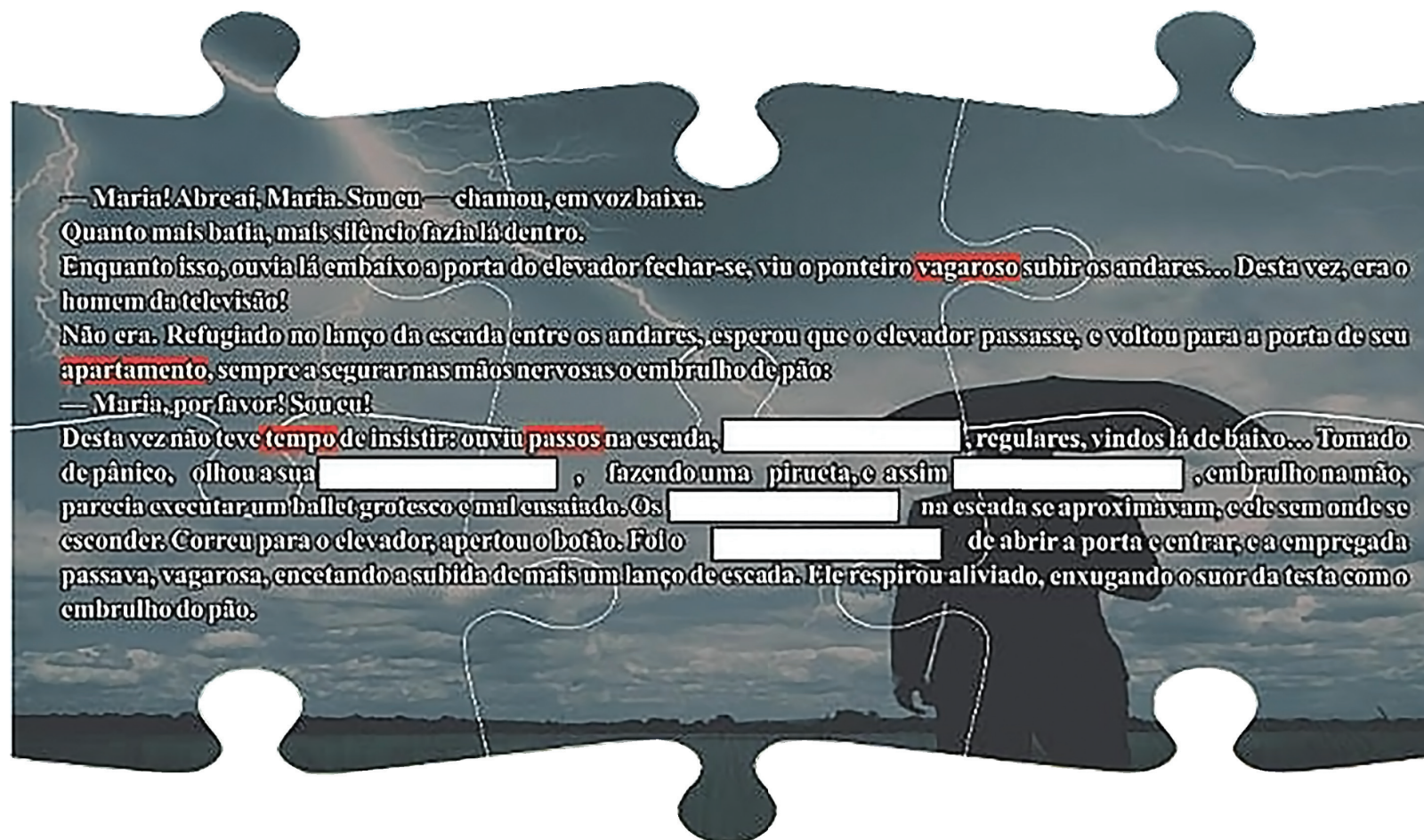
O Quebra-cabeça Tempestade de Sinônimos será apresentado nas páginas seguintes em 4 partes, conforme representado ao lado.



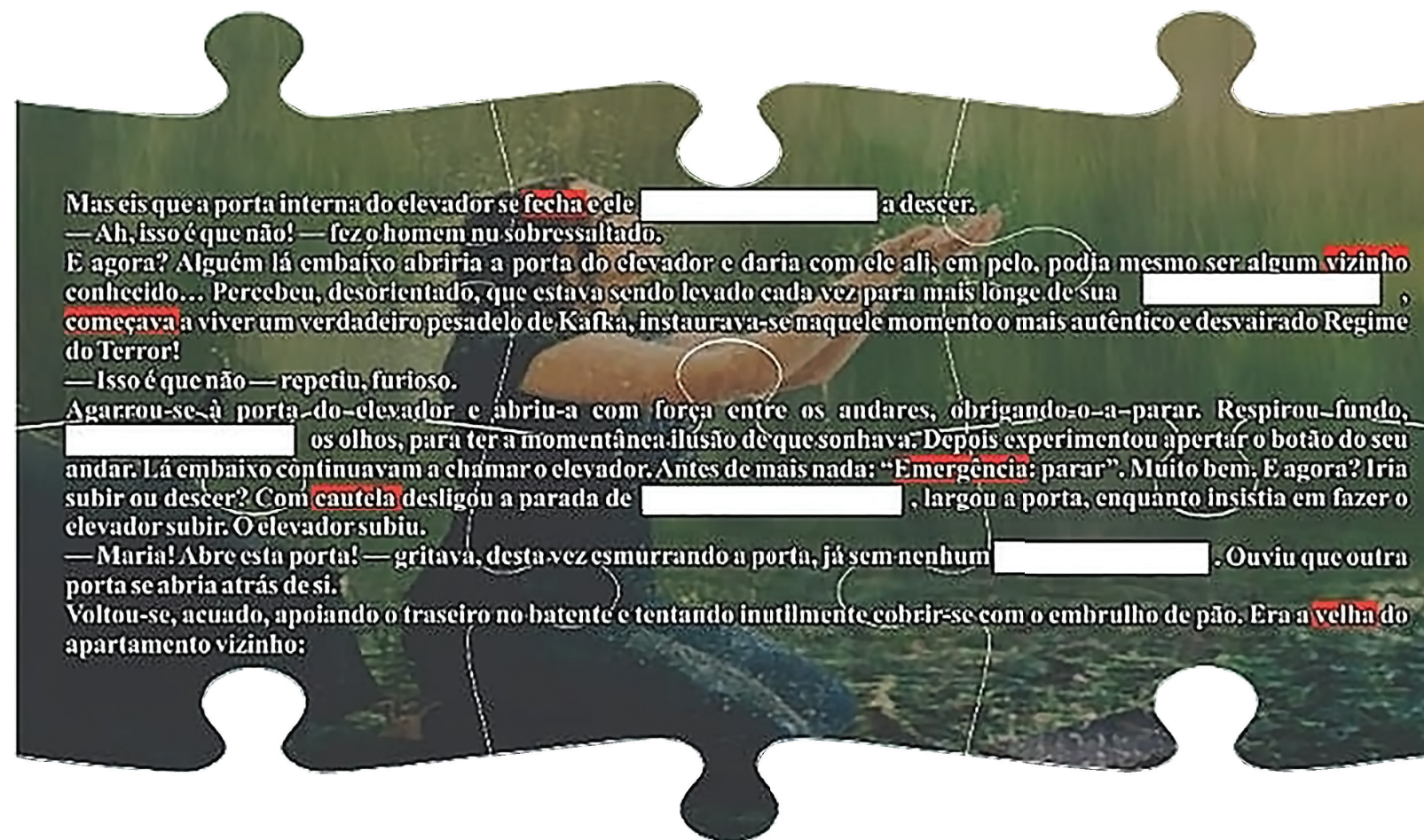
Quebra-cabeça *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar (Parte 1)



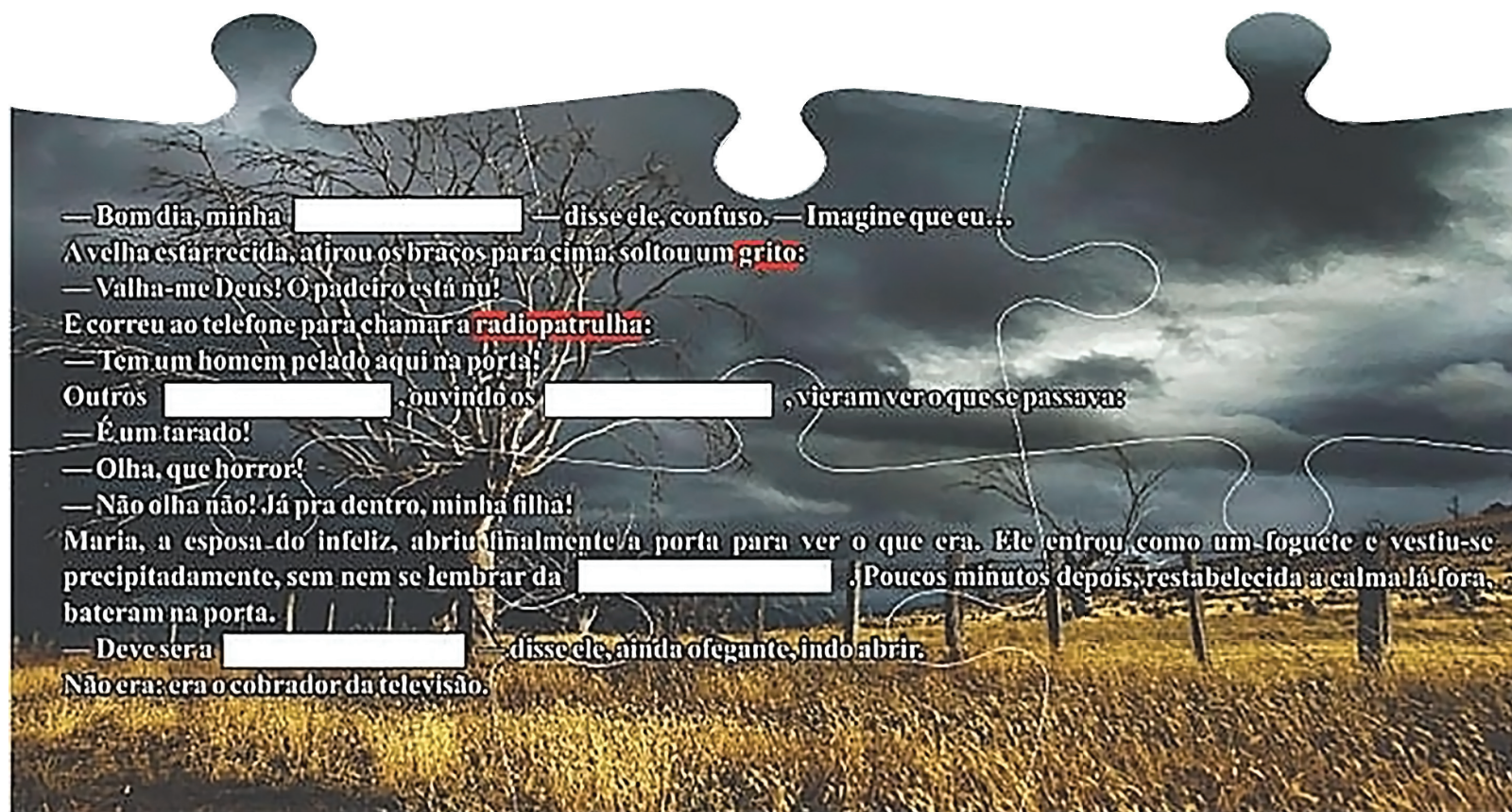
Quebra-cabeça *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar (Parte 2)



Quebra-cabeça *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar (Parte 3)



Quebra-cabeça *Tempestade de Sinônimos* para imprimir e recortar (Parte 4)



Módulo III

A *Fanfiction* em Cena



Oficina I – O Conto e a *Fanfiction*
Leitura, Compreensão e Interpretação de Texto



O Conto

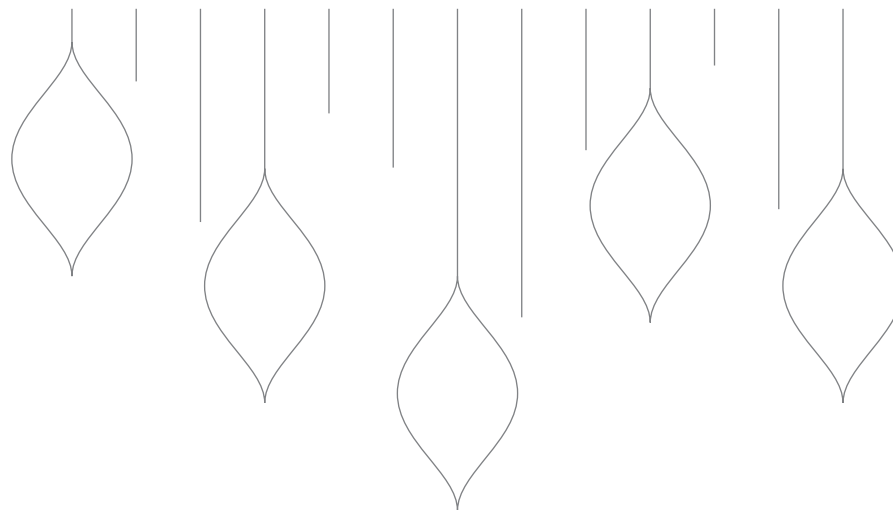
Chapeuzinho Vermelho – Irmãos Grimm

Houve, uma vez uma graciosa menina; quem a via ficava logo gostando dela, assim como ela gostava de todos; particularmente, amava a avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, porque lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

- Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho; leva tudo para a vovó; ela está doente e fraca e com isso se restabelecerá. Põe-te a caminho antes que o sol esquente muito e, quando fores, comporta-te direito; não saias do caminho, senão caís e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada. Quando entrares em seu quarto, não esqueças de dizer “bom-dia, vovó,” ao invés de mexericar pelos cantos.

- Farei tudo direitinho, - disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se.

A avó morava à beira da floresta, a uma meia hora mais ou menos de caminho da aldeia. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à



floresta, encontrou o lobo; não sabendo, porém, que animal perverso era ele, não sentiu medo.

- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, - disse o lobo todo dengoso.

- Muito obrigada, lobo.

- Aonde vais, assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?



- Vou à casa da vovó.

- E que levas aí nesse cestinho?

- Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se fortalecer.

- Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?

- Mora a um bom quarto de hora daqui, na floresta, debaixo de três grandes carvalhos; a casa está cercada de noqueiras, acho que o sabes, - disse Chapeuzinho Vermelho.

Enquanto isso, o lobo ia pensando: “Esta meninazinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó; devo agir com esperteza para pegar as duas.” Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e foi insinuando:

- Olha, Chapeuzinho Vermelho, que lindas flores! Por quê não olhas ao redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto mavioso dos pássaros! Andas tão ensimesmada como se fosses para a escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: “Se levar para a vovó um buquê viçoso, ela certamente ficará contente; é tão cedo ainda que chegarei bem a tempo.” Saiu da estrada e penetrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e, assim, ia avançando e aprofundando-se cada vez mais pela floresta a dentro.

Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó e bateu na porta.

- Quem está batendo? - perguntou a avó.

- Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, trago vinho e bolo, abre-me.

- Levanta a taramela, - disse-lhe a avó; - estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou a taramela, a porta escancarou-se e, sem dizer palavra, precipitou-se para a cama da avozinha e engoliu-a. Depois, vestiu a roupa e a touca dela; deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Entretanto, Chapeuzinho Vermelho ficara correndo de um lado para outro a colher flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela. Lá chegando, admirou-se de estar a porta escancarada; entrou e na sala teve uma impressão tão esquisita que pensou: “Oh, meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com a vovó!” Então disse alto:

- Bom dia, vovó! - mas ninguém respondeu.

Acercou-se da cama e abriu o cortinado: a vovó estava deitada, com a touca caída no rosto e tinha um aspecto muito esquisito.

- Oh, vovó, que orelhas tão grandes tens!

- São para melhor te ouvir.

- Oh, vovó, que olhos tão grandes tens

- São para melhor te ver.

- Oh, vovó, que mãos enormes tens!

- São para melhor te agarrar.

- Mas vovó, que boca medonha tens!

- É para melhor te devorar.

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar sonoramente. Justamente, nesse mo-



mento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou:

“Como ronca a velha Senhora! É melhor dar uma olhadela a ver se está se sentindo mal.”

Entrou no quarto e aproximou-se da cama; ao ver o lobo, disse:

-Eis-te aqui, velho impenitente! Há muito tempo, venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la; então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

- Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. E Chapeuzinho Vermelho correu a buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que deu um trambolhão e morreu.

Os três alegraram-se, imensamente, com isso. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa; a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho trazidos por Chapeuzinho Vermelho e logo sentiu-se completamente reanimada; enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia de si para si: “Nunca mais sairás da estrada para correr pela floresta, quando a mamãe te proibir!”

Contam mais, que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando novamente um bolo para a vovozinha e outro lobo, surgindo à sua frente, tentou induzi-la a desviar-se do caminho. Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguiu o caminho bem direitinho, contando à avó que tinha encontrado o lobo, que este a cumprimentara, olhando-a com maus olhos.

- Se não estivéssemos na estrada pública, certamente me teria devorado!

- Entra depressa, - disse a vovó; - fechemos bem a porta para que ele não entre aqui!

Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

- Abre, vovó, sou Chapeuzinho Vermelho; venho trazer-te o bolo.

Mas as duas ficaram bem quietinhas, sem dizer palavra e não abriram. Então o lobo pôs-se a girar em torno da casa e, por fim, pulou em cima do telhado e ficou esperando que Chapeuzinho Vermelho, à tarde, retomasse o caminho de volta para sua casa, aí então, ele a seguiria ocultamente para comê-la no escuro.

A vovó, porém, que estava de atalaia, percebeu o que a fera estava tramando.

Lembrou-se que, na frente da casa, havia uma gamela de pedra, e disse à menina:

- Chapeuzinho, vai buscar o balde da água em que cozinhei ontem as salsichas e traz aqui, para esta gamela.

Chapeuzinho Vermelho foi buscar a água e encheu a gamela. Então o cheiro de salsicha subiu ao nariz do lobo, que se pôs a farejar e a espiar para baixo de onde provinha. Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado.

Assim, Chapeuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fez o menor mal.

(GRIMM, Irmãos. Chapeuzinho Vermelho. **Contos de Grimm**, 2019. Disponível em: http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho. Acesso em: 21 de jun. de 2019.)



A Fanfiction

Chapeuzinho Vermelho - A Versão Nunca Contada – Mitlestoe

Sinopse

Eu realmente sinto muito, Marie. Eu lhe prometi que nunca, jamais, faria algo do tipo novamente. Mas foi mais forte que eu, você não compreenderia... mesmo com todos os seus esforços para me entender, quem conseguiria? Uma fera como eu não deveria estar aqui... me perdoe por tudo, mas principalmente por ter sido com você e sua neta, a pequena e doce Chapeuzinho Vermelho.

Notas da história

Plágio é crime, mesmo a história sendo um conto de fadas, o enredo foi criado por mim. One contando a versão do tão temido Lobo Mau, da história Chapeuzinho Vermelho.

Espero que gostem, boa leitura!

(Cap. 1) Minha versão dos fatos - Capítulo único

Notas do capítulo

Hey! Vi uma imagem que retratava essa ideia: a versão do Lobo Mau. Espero que gostem, Boa leitura!

Lá vem vindo, pela floresta adentro, bem sozinha... Levando vários doces para Marie... Quero dizer, Vovozinha...

Encosto-me ainda mais contra o tronco da árvore, na tentativa de não ser visto pela criança. Tão pura e inocente, não possui o menor medo ou sequer receio de mim:

– Lobinho! – exclama ela, divertida. Corre em minha direção, esticando a mão e tentando encostar em meu focinho.

Encaro-a, mas ela não parece perceber. Como alguém pode não temer minha visão? Ela é apenas uma garotinha... Mas seu jeito com certeza me lembra o de Marie, sempre dizendo que todos me aceitariam pelo o que eu sou. Nunca acreditei, exatamente em suas palavras, mas me trazia algum conforto.

– Sabe, lobinho, você é gigante! Mas parece ser gente boa – Diz, se sentando sobre sua capa vermelha – Ei, quer brincar comigo? “Sim, senhorita. Grrr” – Ela tenta imitar o que acredito que seria minha fala – Que tal assim: você vai por um caminho, e eu pelo outro. Quem chegar primeiro ganha um doce!

Olho para seus olhinhos cor de café, e abaixo minha cabeça, em concordância. Como recusaria?

– Então vamos! Um, dois, três e já! – E sai em disparada, deixando um rastro em minha visão, um rastro de sua capa vermelha.

Atônito, começo a correr também. Mesmo ela saindo primeiro, eu chegarei primeiro, afinal, eu sou um lobo.

[...]



Chegando lá, encaro meu antigo abrigo contra John, o caçador. Vagarosamente, caminho até a porta. Ouço um ruído, e poderia jurar que vi o reflexo de um rifle. Entro o mais cuidadosamente possível, não gostaria de assustar Marie. Mas acho que todo meu cuidado foi em vão, já que ela solta um grito alto o suficiente para que um veado corresse ao longe.

A porta se abre violentamente, e o caçador entra com tudo, apontando sua arma para mim.

— Então você voltou, besta infernal?! — Insulta, logo em seguida alternando seu olhar para Marie — A senhora pode sair, se não quiser ver a morte desse saco de pulgas.

Rosno baixinho, um som que vem do fundo de minha garganta e produz um reverbero alto. Pulo em direção ao caçador, pronto para matar. Mas Marie se joga na frente, fazendo com que minhas unhas e meus dentes se enterrem em seu tronco e pescoço. Vejo seu corpo desabar, inerte e sanguento. Fui... eu? Encaro minhas próprias patas, sujas com o sangue de Marie, e em minha boca sinto o gosto de metal que parece subir pela garganta. O cheiro me deixa tonto, talvez um pouco fora do controle, mas me forço a me ater ao agora. Sinto um peso enorme na consciência e meu mundo parece desabar. Ela... morreu.

— HÁ, o Lobinho vai ficar sem doce, cheguei prime... — Ela encara a cena, assustada. Seus olhos param em mim, depois olham para sua querida Avó, no chão. Aos poucos, ela soma dois com dois, e parece-me que o resultado é, sem dúvidas e certo, quatro — O que aconteceu...? Lobinho? Foi você quem fez isso?

Seus olhos estão cheios de um sentimento de repugnância, algo que não deveria estar lá. O que mais me incomoda é o fato de eu não poder me explicar, não poder...dizer. Eu sinto tanto...

— E - eu não sei o que aconteceu — diz, decidida — Mas posso ver em seus olhos que você está arrependido.

— Não deixe ele fazer sua cabeça, menina. Não percebe que se trata de uma criatura inferior, sem nenhum sentimento? Ande, saia daqui. Eu o executarei, vai ficar tudo bem — Diz ele, de uma forma ameaçadora. Mira em mim, e puxa o gatilho. Fecho os olhos. Mas o tiro não chega, apenas o seu som e um grito fino e agudo. Abro os olhos. A garotinha no chão, um furo em seu peito. Não! Não, por favor, ela também não! Eu... como carregarei esse peso?

— Aí está, seu ser infernal! Como faz com que eu mate uma criança de apenas sete anos? — cospe John.

O encaro e vou até ele, me abaixando e aceitando minha derrota. Eu não conseguiria carregar isso... o peso de duas mortes, ambas por mim, mesmo que a da doce menininha não tenha sido causada diretamente.

Percebo seu olhar surpreso, como se não esperasse aquilo.

— Acha que se redimindo vou ter pena? Nunca. Sua morte vai ser lenta, espero que você sofra bastante — Exclama o caçador, com um olhar cínico. Com uma pedra, bate em minha cabeça, fazendo com que eu perca a consciência.

[...]

Sinto que estou sendo balançado levemente, e abro meus olhos, para ver um chão em movimento, e a parte de trás das botas de couro do caçador. Olho para os lados, procurando me situar, porém a tonteira causada pelo movimento constante de chacoalho e a minha recém-adquirida consciência dificultam esse processo. Depois de um tempo percebo que estamos na floresta Norte, onde ficam a maioria dos rios e corredeiras.



Aí percebo. Esse é exatamente o meu destino: o fundo daquelas corredeiras. Penso em Marie e na garotinha... talvez as únicas que seriam capazes de compreender esse lado da história.

Sou jogado no chão como se não valesse um centavo. Tudo bem, nunca me preocupei com isso antes.

— Eles nunca irão saber a verdade, Lobo... Já até pensei no seu sobrenome: o que acha de ser lembrado, daqui para frente, como Lobo Mau? Cai muito bem para você, sua criatura imunda — Fala ele, chutando minha barriga e fazendo com que eu seja jogado longe — Eles nunca nem imaginariam, veja bem. Eu chego na aldeia, falo que você atacou cruelmente a criança e Marie, e, no final, saio como o herói que se livrou da besta. Não é perfeito? — Pergunta, com um brilho em seus olhos que beirava a insanidade. — Mas agora chega de conversa: preciso me livrar de você o mais rápido possível. Depois me livro do corpo delas...

Ele aponta sua arma, mas eu já fui para trás. Um erro meu: atrás de mim estão ascorredeiras. Ele dá um passo para frente, e meu receio comanda minhas pernas mais rápido que minha mente: despenco em direção às pedras. Olho para cima e encaro John... O que

ele disse é verdade: daqui para frente todos se lembrarão de mim como o Lobo Mau, a besta infernal que matou duas mulheres, uma pequena e a outra idosa, sem o menor pinga de ressentimento... Eles nunca saberão que na verdade, o vilão da história é o caçador.

Sinto meu corpo afundar nas águas gélidas do rio, e me deixo levar pela correnteza, me permito descansar e aguardar minha morte. Não tem pra que lutar, afinal, você ainda me conhece como o Lobo Mau.

Notas finais do capítulo

E aí? gostaram? Eu gostei de escrever essa One. Até a próxima, pessoal o/ —————

(MITLESTOE. Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada. **Nyah!** Fanfiction, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/648905/Chapeuzinho_Vermelho_-_A_versao_nunca_contada/capitulo/1/. Acesso em: 21 de jun. de 2019.)



1. O texto *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, pode ser definido como um(a)?

- a) () lenda
- b) () crônica
- c) () fábula
- d) () conto
- e) () *fanfiction*

2. O texto *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, de Mitlestoe, pode ser definido como um(a)?

- a) () apólogo
- b) () crônica
- c) () *fanfiction*
- d) () fábula
- e) () conto

3. Quais foram os elementos que colaboraram para caracterizar o texto dos Irmãos Grimm?

4. Quais foram os elementos que colaboraram para caracterizar o texto de Mitlestoe?

5. Em relação ao suporte (veículo) de publicação, qual é a principal diferença entre o texto *Chapeuzinho Vermelho* e o texto *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*?



6. Considerando os elementos da narrativa, preencha o quadro a seguir com informações presentes nos textos lidos:

Elemento da narrativa	<i>Chapeuzinho Vermelho</i>	<i>Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada</i>
Narrador		
Enredo		
Personagens		
Espaço		
Tempo		



7. Considerando os enredos apresentados, indique, resumidamente, três diferenças que mais despertam a atenção do leitor no texto *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, de Mitlestoe, quando comparado ao texto *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm:

I.

II.

III.

8. Aponte duas **características que diferenciam** as personagens listadas no quadro abaixo em cada texto lido:

Texto	Lobo	Caçador
<i>Chapeuzinho Vermelho</i>		
<i>Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada</i>		

9. A linguagem empregada em cada um dos textos apresenta-se mais formal ou mais informal? Justifique sua resposta.

10. No texto de Mitlestoe, há palavras/expressões que fazem parte do mundo digital? Se sim, quais são elas?



11. Qual foi a reflexão proposta pelo texto *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, de Mitlestoe?

12. Ao ler o texto *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, nota-se que o autor, em algumas passagens, faz uso de expressões com a finalidade de substituir os vocábulos **Chapeuzinho Vermelho**, **vovó** e **lobo**, recategorizando esses termos e evitando, assim, repetições.

Indique uma expressão presente no texto lido que faz referência a cada palavra listada a seguir:

Chapeuzinho Vermelho	
Vovó	
Lobo	

13. No trecho “[...] devo agir com esperteza para pegar as **duas**” (13º parágrafo), presente no texto *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, o termo destacado refere-se a quais palavras especificamente nesse parágrafo?

14. Um recurso que possibilita a progressão das ideias no texto é a **substituição** de uma palavra repetida por **sinônimos**. Complete o quadro a seguir com possibilidades de expressões sinônimas para cada palavra repetida no texto dos Irmãos Grimm:

Floresta		
Casa		
Cama		

15. No trecho “– Então você voltou, **besta infernal**?!” (11º parágrafo), presente no texto *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, de Mitlestoe, a expressão em destaque faz referência à personagem do lobo.

Considerando a passagem acima, indique outras expressões que substituem o vocábulo “lobo” nesse texto:

I.

II.

III.



16. No fragmento “Encaro-a, mas **ela** não parece perceber” (4º parágrafo), presente no texto de Mitlestoe, o pronome destacado refere-se a?

- a) Marie
- b) vovozinha
- c) criança
- d) garotinha

17. Releia estes trechos presentes no texto de Mitlestoe:

I. “ Ouço um ruído, e poderia jurar que vi o reflexo de um **rifle**.”

II. Ele dá um passo para frente, e meu receio comanda minhas pernas mais rápido que minha **mente** [...]”

Identifique no texto um possível sinônimo para os vocábulos destacados em I e II.

18. No fragmento “Vejo seu corpo desabar, **inerte** e sanguento” (12º parágrafo), presente em *Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada*, de Mitlestoe, um **sinônimo** adequado para substituir a palavra destacada é:

- a) agitado
- b) dinâmico
- c) imóvel
- d) enérgico

19. Os **sinônimos** possibilitam a **substituição** de uma palavra repetida no texto por outro vocábulo com sentido aproximado, mantendo a progressão das ideias.

Associe as duas colunas, relacionando adequadamente algumas palavras presentes nos textos lidos a uma possibilidade de substituição por um respectivo sinônimo:

- | | |
|-------------|--------------------|
| a) estrada | () cobertura |
| b) taramela | () pegada |
| c) telhado | () cervo |
| d) rastro | () trava |
| e) abrigo | () caminho |
| f) veado | () esconderijo |



Oficina II – Desvendando o Gênero *Fanfiction*

Nesta oficina, as atividades serão realizadas oralmente pelo professor, objetivando a participação direta dos alunos, voltada à leitura, compreensão e debate sobre os textos em análise, além da resolução de questões propostas.

A sequência de atividades contempla:

1. Apresentação de informações gerais sobre o gênero textual *fanfiction*;
2. Leitura de *fanfictions* e de textos/obras correlacionadas (sinopses de romances da literatura mundial);
3. Caracterização da estrutura de uma *fanfiction*, enquanto gênero que circula socialmente no ciberespaço (em rede), correlacionando-a ao texto/obra com o/a qual estabelece um diálogo, além da apresentação de sua função social;
4. Exposição de recursos linguísticos utilizados nas *fanfictions*;
5. Debate coletivo sobre os textos lidos, destacando as marcas de linguagem, estrutura composicional, suporte, função social, público-alvo, etc.



Texto Informativo

Romeu e Julieta

Por Ana Lúcia Santana

Este clássico da literatura universal vem há séculos seduzindo gerações de leitores apaixonados, que encontram nas páginas tecidas pelo inglês William Shakespeare uma das mais belas e trágicas histórias de amor de todos os tempos. A história de **Romeu e Julieta** praticamente transformou-se em um arquétipo da psique humana, como ocorreu, por exemplo, com o mito de Édipo, criado por Sófocles, célebre dramaturgo grego, e convertido por Sigmund Freud em um conceito fundamental da Psicanálise. Esta tragédia shakespereana, elaborada entre 1591 e 1595, não é significativa apenas por focar o amor proibido entre dois jovens na Verona renascentista, mas também por denunciar a hipocrisia e as convenções sociais, os interesses





econômicos e a sede de poder, elementos que engendram inevitavelmente a intolerância e condenam o sentimento nobre que brota dos corações de Romeu e Julieta.

Nesta cidade italiana, aproximadamente em 1500, duas famílias tradicionais, os Montecchios e os Capuletos, cultivam uma intensa e insustentável inimizade que já remonta a vários anos. Independente desta rivalidade, Romeu e Julieta, filhos únicos destes poderosos clãs, se apaixonam e decidem lutar por este sentimento.

Os amantes se conhecem em uma festa promovida pelo líder dos Capuletos, pai da jovem. Romeu, evidentemente, não foi convidado, mas, acreditando estar apaixonado por Rosaline, uma das moças presentes no evento, se oculta sob um engenhoso disfarce e vai à celebração. Uma vez, porém, que ele se depara com Julieta, a imagem da outra garota desaparece de seu coração, e nele agora só há espaço para a jovem desconhecida. Logo depois os dois descobrem que pertencem a famílias que se odeiam.

Romeu, logo depois da festa, oculto no jardim, ouve involuntariamente o diálogo de Julieta com as estrelas, durante o qual ela confessa sua paixão. Ele então a procura e se declara. Um dia depois os dois, com o auxílio do Frei Lawrence, que pertence ao círculo de amizades do jovem, se casam em segredo.

Mas a sombra da tragédia parece persegui-los. Neste mesmo dia Romeu se envolve sem querer em uma briga com o primo de Julieta, Tebaldo, que ao descobrir a presença do Montecchio na festa de seus tios, planeja uma revanche contra ele. A princípio o jovem não aceita provocações, mas seu amigo Mercúcio confronta o adversário e é morto por ele, o que provoca a revolta de Romeu, o qual mata Tebaldo para se vingar.

Esta morte acirra ainda mais o ódio entre as famílias e o Príncipe da cidade manda Romeu sair de Verona. O velho Capuleto, sem saber da união de sua filha com o inimigo, arranja o casamento da filha com Páris. O frei a convence a aceitar o matrimônio, mas arma um plano. Pouco antes da cerimônia Julieta deverá ingerir uma poção elaborada por ele; com a ajuda deste preparado ela será considerada morta.

Romeu seria avisado e retornaria para retirá-la do jazigo dos Capuleto assim que ela despertasse. Porém, como não poderia ser diferente em uma tragédia de Shakespeare, Romeu descobre o ocorrido antes de ser notificado pelo Frei. Desesperado, ele adquire uma poção venenosa e, na sepultura onde se encontra a amada, ingere o conteúdo do frasco e morre junto à Julieta.

A jovem, ao acordar, se dá conta do que aconteceu e, com o punhal roubado de Romeu, se mata. Os dois são encontrados juntos, mortos, para completo desespero dos familiares. Abalados com a tragédia, eles se reconciliam definitivamente.

A peça de Shakespeare teve inúmeras montagens e versões ao longo do tempo. A história também foi transposta para as telas dos cinemas. As duas versões mais conhecidas são a de Franco Zeffirelli, de 1968, protagonizada por Leonard Whiting e Olívia Hussey; e a de Baz Luhrmann, de 1996, interpretada por Leonardo DiCaprio e Claire Danes, a qual se passa no mundo atual.

(SANTANA, Ana Lúcia. Romeu e Julieta. **Infoescola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/teatro/romeu-e-julieta/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.)

Digite seu texto



A Fanfiction

Uma Carta, Uma Paixão – MrsGrey

Sinopse

Leiam este texto que eu, acidentalmente, fiz nos intervalos da aula em meu lindo e belo caderno dos Minions com a caneta preta da minha amiga que leu e quase chorou. Um texto que eu fiz pensando na obra de William Shakespeare, Romeu & Julieta, inspirando-me no filme e o que poderia ter acontecido se nem Romeu e nem Julieta tivessem morrido, se ele continuasse banido da cidade e longe de sua preciosa Julieta que está casada com quem seu pai a havia obrigado. E que para se falarem teriam que mandar cartas secretas um para o outro e esta é a última carta que Romeu manda para Julieta antes de seu fim.

(Cap. 1) 1 Julieta, minha bela Julieta.

Escrevo-te esta carta, com a mais pura saudade.

Não me lembro de nada!

Apenas lembro que fui banido porque busquei justiça, e a fiz com minhas próprias mãos.

Derramei sangue de teu primo o que fez que o rei me mandasse para um lugar isolado e longe de ti minha amada esposa.

Trocamos cartas a todo este tempo, você pensou na morte, mas eu te disse para não a fazer, e tu não a fizeste.

Casaste com o mais rico dos ricos e então não me escreveu tanto quanto tu escrevias.

Agora, pois, te escrevo em meu leito de morte, já nos meus oitenta anos de idade.

Viver sem ti foi um castigo, acho que o mais duro de todos que recebi, quando o rei o decretou eu quase me matei, pois pensei “viver sem minha Julieta? Não quero! Prefiro morrer a ter que fazer isso!”

Mas o padre amigo me disse “Morrer”? Pra que? Pense em Julieta e como ela ficaria sem saber que estas vivo, mas sim morto!”. Então lembro – me que nos vimos pela última vez em teus aposentos. Creio que aquela foi a melhor noite de minha vida!

Após isso tive que fugir, mas não me lembro de como fugi, mas tenho certeza que devo ter pensado em ti o tempo inteiro.

Sei que quando cheguei aqui nesta cidade eu fui acolhido por um casal de idosos que hoje já morreram. Lembro que fui de penetra, em teu casamento e que teus olhos azuis estavam cheios de lágrimas. Eu não chorei, mas meu coração chorava.

Passaram – se dez anos desde então e eu, já com trinta anos, lhe escrevia cartas a todo o momento e tu me respondias. Lembro – me de que a carta onde tu me falaste sobre teus filhos foi a que mais ameí!

Deste a luz a dois filhos homens, Romeu e Miguel.

Quão feliz fiquei ao saber que tu és mãe!

Mas agora estou velho e a beira da morte e não me lembro de muita coisa. Não me lembro de como eram meus pais e nem se tinha amigos.

Mas só sei que esses teus olhos azuis nunca saíram de minha mente.

Linda Julieta, verei – te de novo no céu.

De teu eterno

Romeu.

(MRSGREY. Uma carta, uma paixão. **Nyah!** *Fanfiction*, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/623936/Uma_Carta_Uma_Paixao/capitulo/1/. Acesso em: 26 de jun. de 2019.)



Texto Informativo: Sinopse do Livro

A Culpa é das Estrelas (Livro)

Hazel é uma paciente terminal. Ainda que, por um milagre da medicina, seu tumor tenha encolhido bastante — o que lhe dá a promessa de viver mais alguns anos —, o último capítulo de sua história foi escrito no momento do diagnóstico. Mas em todo bom enredo há uma reviravolta, e a de Hazel se chama Augustus Waters, um garoto bonito que certo dia aparece no Grupo de Apoio a Crianças com Câncer. Juntos, os dois vão preencher o pequeno infinito das páginas em branco de suas vidas.

Inspirador, corajoso, irreverente e brutal, *A culpa é das estrelas* é a obra mais ambiciosa e emocionante de John Green, sobre a alegria e a tragédia que é viver e amar.

(GREEN, John. *A culpa é das estrelas*. Amazon, 2019. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Culpa-%C3%89-das-Estrelas/dp/8580572266>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.)

Texto Informativo: Sinopse do Filme

A Culpa é das Estrelas (Filme)

Diagnosticada com câncer, a adolescente Hazel Grace Lancaster (Shailene Woodley) se mantém viva graças a uma droga experimental. Após passar anos lutando com a doença, ela é forçada pelos pais a participar de um grupo de apoio

cristão. Lá, conhece Augustus Waters (Ansel Elgort), um rapaz que também sofre com câncer. Os dois possuem visões muito diferentes de suas doenças: Hazel preocupa-se apenas com a dor que poderá causar aos outros, já Augustus sonha em deixar a sua própria marca no mundo. Apesar das diferenças, eles se apaixonam. Juntos, atravessam os principais conflitos da adolescência e do primeiro amor, enquanto lutam para se manter otimistas e fortes um para o outro.

(GREEN, John. *A culpa é das estrelas*. Adoro Cinema, 2019. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-218926/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.)



A Fanfiction

Okay? Okay. – Lucas Thialy

Sinopse

“Vivi o que pude. Aproveitei prazerosamente cada segundo que estive viva. Realizei meu propósito de vida. Não derrotei o câncer, pois ele é mais forte do que eu, mas venci na vida, sendo a Hazel Grace que deu. Tive um grande amor, que fez dos nossos contados dias nesse mundo, um infinito. Tive pais maravilhosos que eram meus grandes amigos.” (sick-lit)

(Cap. 1) Capítulo 26

Notas do capítulo

A continuação após o final do livro “A culpa é das estrelas”.

Depois que li a carta deixada pelo Gus, mandei um *e-mail* agradecendo a Lidewij por ter feito esse último pedido para mim.

Dizem que chorar alivia a dor, que nos faz sentir melhor; mas eu estava em colapso, não conseguia respirar direito mesmo conectada ao *Felipe*. Eu já havia chorado litros d’água que dava para encher um oceano infinitamente. Eu dizia para mim mesma que estava tudo bem, que estava conformada com tudo o que aconteceu depois que descobri a doença incurável do meu eterno Gus lá em Amsterdã, mas não estava. Não fazia ideia de como era perder alguém tão especial, alguém que preferia morrer após mim, que se houvesse cura para o câncer iria buscar até o fim, para manter-me viva por mais tempo, e se possível, manter-se vivo também. A cura? Era um fator inato em toda essa situação; mesmo se antes eu morresse alguém no mundo tivesse encontrado a cura eu não a consumiria, porque para mim a vida não faz mais sentido. Mas não é como desejamos, um dia a vida acaba. É necessário ter um

fim! Do que seria do início e do meio sem o fim? Tudo o que criamos como o amor, o afeto e a paixão vai acabar, porque seria chato demais viver a eternidade, pelo menos para mim. O importante é viver bem, saber aproveitar cada momento que a vida nos proporciona, principalmente com quem amamos, pois um dia ela não estará mais ali com você ou você com ela.

Senti meu coração acelerar mais forte do que o normal. Senti que o próprio oceano estava dentro dos meus pulmões cheios. Minha pele estava mais pálida do que a do *Michael Jackson*. Ainda chorando e mal respirando com o mundo girando ao meu redor, então gritei pela mamãe.

– O que houve Hazel? – Indagou ela.

– Acho que estou partindo conformada e ao mesmo tempo inconformada pela morte do Gus.

– Amor chama uma ambulância, a Hazel está muito mal. - Disse a mamãe chorando. – Não chore querida, e não morra sem tentar. Você é a pessoa mais forte que conheço...

Essa foi a última coisa que ouvi até desmaiar e acordar inconsciente no hospital. Mesmo com a visão um pouco embaçada/turva, consegui ver meus pais ao meu lado e muitos médicos ao meu redor tentando me manter viva por mais algum tempo: meses... Dias... Horas... Minutos... E até segundos como sempre faziam. De tanto tentar arrumar algo, uma hora ou outra chegará ao fim, não tem jeito, nesse caso o meu fim. A morte não é inimiga da vida, pelo contrário, elas andam juntas lado a lado, pois uma necessita da outra para existir. Sem a vida não há morte, sem a morte não há vida.

Meu coração estava batendo mais devagar, batimentos quase inexistentes. Encontrava-me sufocada tentando respirar, mesmo sob



os cuidados paliativos. Não estava sentindo dor alguma por causa da desmedida anestesia. Aos poucos meu coração foi parando, e meus pulmões já não funcionavam mais. Os médicos estavam fazendo uma ressuscitação cardiopulmonar para eu voltar à vida. Não os culpo pelo meu quadro irreversível, mesmo que muitos digam: “Para que investir na paciente se ela vai morrer mesmo?”. Bem, eu os responderia:

– Porque a paciente aqui está viva! Entre aspas.

A doença está simplesmente cumprindo seu ciclo natural, também não a culpo por nada, porque já cansei de culpá-la. Enquanto meu coração estava parando e eu partindo desta para melhor, se é que existe mesmo algo melhor após a morte, eu ia me conformando, recitando de novo mentalmente o que diria no elogio fúnebre do Gus se - a vida é cheia de possibilidades - ele estivesse morrido após a minha partida. “Meu nome é Hazel. O Augustus Waters foi o grande amor estrela-cruzada da minha vida. Nossa história de amor foi épica, e não serei capaz de falar mais de uma frase sobre isso sem me afogar numa poça de lágrimas. O Gus sabia. O Gus sabe. Não vou falar da nossa história de amor pra vocês porque, como todas as histórias de amor de verdade, ela vai morrer com a gente, como deve ser. Eu tinha a expectativa de que ele é quem estaria fazendo meu elogio fúnebre, porque não há ninguém que eu quisesse tanto que... Tá, como não chorar. Não posso falar da nossa história de amor, então vou falar de matemática. Não sou formada em matemática, mas sei se uma coisa: existe uma quantidade infinita de números entre 0 e 1. Tem o 0,1 e o 0,12 e o 0,112 e uma infinidade de outros. Obviamente, existe um conjunto ainda *maior* entre o 0 e o 2, ou entre o 0 e o 1 milhão. Alguns infinitos são maiores que outros. Um escritor de quem costumávamos gostar nos ensinou isso. Há dias, muitos deles, em que fico zangada com o tamanho do meu conjunto ilimitado. Queria mais números do que provavelmente vou ter, e, por Deus, queria mais números para o Augustus Waters do que os que ele

teve. Mas Gus, meu amor, você não imagina o tamanho da minha gratidão pelo nosso pequeno infinito. Eu não o trocaria por nada nesse mundo. Você me deu uma eternidade dentro dos nossos dias numerados, e sou muito grata por isso.”

Fisicamente eu estava como um defunto com meus olhos fechados, meu coração

desacelerando as batidas, meus pais chorando ao meu lado, pude escutar o choro deles e os médicos cumprindo seu papel. Externamente minh'alma estava completamente abalada, eu havia preparado tudo, menos as minhas últimas palavras antes do fim, mas meu falecido Gus dizia que eu era inteligente, então, disse para mim mesma as minhas últimas palavras, foram elas:

– Vivi o que pude. Aproveitei prazerosamente cada segundo que estive viva. Realizei meu propósito de vida. Não derrotei o câncer, pois ele é mais forte do que eu, mas venci na vida, sendo a Hazel Grace que deu. Tive um grande amor, que fez dos nossos contados dias nesse mundo, um infinito. Tive pais maravilhosos que eram meus grandes amigos.

Meu coração parou, saiu uma lágrima de meus olhos. Morri como uma guerreira digna. Ao partir senti o Gus ao meu lado dizendo:



– Vai dar tudo certo. **Okay?**



– Okay.

Fim!

(THIALY, Lucas. OKAY? OKAY. **Nyah!** *Fanfiction*, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/776707/Okay_Okay/capitulo/1/.

Acesso em: 26 de jun. de 2019.)



Oficina III – Produção Escrita de Fanfiction

Nesta oficina, algumas ações do momento anterior são seguidas, como a leitura, compreensão e debate sobre os textos em análise (conto e *fanfiction*), além da resolução de questões propostas oralmente. Dessa forma, a finalidade é fortalecer o conhecimento sobre os aspectos constitutivos de uma *fanfiction*, orientar os alunos acerca de sua produção, a partir da leitura e explicação de um artigo, e solicitar a escrita inicial na folha de produção de texto “A *fanfiction em cena*”.

A sequência de atividades contempla:

Leitura e compreensão do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector;

Leitura e compreensão da *fanfiction Felicidade Clandestina*, de Indythomasi;

Debate, análise das características e indicação de aspectos relevantes nos textos lidos;

Orientação sobre a produção individual de uma *fanfiction*, ressaltando as características desse gênero de texto e as convenções da escrita;

Leitura e explicação sobre o artigo “Como escrever uma *fanfic*”;

Produção escrita individual de *fanfiction* na folha “A *fanfiction em cena*”;

Recolhimento das *fanfictions* produzidas para análise linguística do professor (estudo da coesão referencial por substituição lexical sinonímica) e posterior devolução para reescrita e publicação do texto no *blog* da turma.



O Conto

Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos

um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, alatinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o



seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.



Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina

que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Conto Brasileiro, 2019. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.)



A Fanfiction

Felicidade Clandestina – Indythomasi

Eu era levemente acima do peso considerado corretamente proporcional à minha altura, que diga-se de passagem, não é muita, mas entre tantas coisas, sempre tive o que as crianças atualmente não tem, uma infância repleta de boas lembranças e experiências significativas e concretas, nada tecnológico e vários amigos reais e próximos a mim. Sendo que na época não existiam Smartphones e internet veio surgir muito depois, isso mesmo com restrições (quando se utilizava a internet discada, não se podia usar o telefone).

Na educação infantil, sempre me dei bem com todos os colegas, nunca cheguei a sofrer “bullying”. No entanto, em torno de uns quatro anos depois, reencontrei uma antiga colega de aula, daquela época, ela era baixa, um pouco mais alta que eu, de cabelos louros e lisos, magra e de olhos azuis, e sua mãe me convidou para ir qualquer dia na casa dela para brincar e minha ex-colega, parecia contente com a ideia, então naquele mesmo fim de semana meus pais me levaram até lá.

Eu estava super contente, ansiosa por aquele momento, uma felicidade com toda certeza clandestina a mim até então. Ao chegar lá, minha ex-colega estava acompanhada de sua prima, uma menina não muito simpática, mas talvez um ano mais velha que eu, ou até meses. O quarto da minha amiga era lindo, cheio de brinquedos bonitos e coloridos e caros e eu em estado de euforia por estar lá, matando a saudades de uma antiga amiga, demorei alguns minutos para perceber que ambas estavam me excluindo da brincadeira, ao irem para o pátio do fundo brincar, me deixando sozinha no quarto encantada com tantos estímulos para me divertir.

Quando de fato percebi o que estava acontecendo, a tal “felicidade clandestina” deu espaço a um momento de choro, sentada na por-

ta da cozinha, que dava direto para o pátio. Ao me vez chorando a mãe daquela que já não tinha mais razão de chamar de amiga, levou-me até o quarto dela e disse-me para escolher o brinquedo que eu mais tivesse gostado, ela me daria, sem que sua filha soubesse, para que a mesma aprendesse a nunca mais tratar mal as pessoas. Eu estava tão triste naquele momento e mesmo achando que a menina merecia mesmo uma lição, não tive coragem de escolher, então a mulher me alcançou uma linda carruagem de brinquedo, rosa com branco, com detalhes em dourado, acompanhada de um lindo cavalo branco e eu peguei, mesmo achando errado, apenas por insistência dela.

Depois de eu ter pego, imediatamente ela ligou para os meus pais, pois eu pedi que o fizesse, não me sentia mais a vontade naquele lugar, não era mais feliz ali.

Na hora de ir embora, eu já estava esperando sentada em um sofá próximo a porta, olhando pela fresta da janela, ansiosa que o carro dos meus pais estacionasse em frente a casa, ao ouvir o frear dos pneus me senti liberta daquele momento triste, como se atrás daquela porta eu fosse abraçar a felicidade que já conhecia. Quando a mãe da menina veio abrir a porta, ela e sua prima vieram, nitidamente obrigadas a parar com a diversão para se despedirem de mim e minha não mais ex-colega, mas ex-amiga, ao ver sua tão preciosa carruagem e seu cavalo em minhas mãos disse em meu ouvido algo como “Isso fica aqui.” e eu já não mais interessada em nada que viesse daquele lugar e/ou me gerasse qualquer tipo de lembrança daquele dia, em um ato quase que submisso, entreguei-a seu brinquedo e corri porta a fora para os braços de minha mãe.

(INDYTHOMASI. Felicidade Clandestina. Fanfics **Brasil**, 2019.

Disponível em: <https://fanfics.com.br/fanfic/59226/felicidade-clandestina-felicidade-clandestina-clarice-lispector>.

Acesso em: 10 de jul. de 2019.)

Leitura de Artigo

Como Escrever Uma Fanfic

(Fanfics Brasil)

Fanfiction é o termo usado para designar um tipo específico de ficção utilizando a ambientação ou os personagens de um determinado universo, geralmente como homenagem. Você pode escrever sobre os personagens que mais gosta, dar continuidade à história original ou alterá-la completamente. O público-alvo desse gênero é restrito, mas quem lê o que você cria também é entusiasta do trabalho original. Esse é um jeito divertido e criativo de expressar seu amor por alguma obra de ficção, e as possibilidades são infinitas!



Explorando o Material Original

1 - Escolha a base de seu trabalho.

A *fanfiction* sempre é baseada em uma obra que já existe, e cabe ao autor da “fanfic” (como é popularmente conhecida) continuar, expandir ou mudar a história original. Todo tipo de obra é homenageada: livros, filmes, séries de TV, novelas, videogames, qualquer coisa que tenha uma história. Escolha um universo com o qual tenha intimidade. Os mais populares são as franquias “Guerra nas Estrelas”, “Harry Potter” e inúmeros animes.

Sua escolha fará a maior diferença na história e nos resultados dela. Alguns universos propiciam abordagens mais específicas, mas é importante lembrar que as opções são infinitas. Qualquer coisa pode ser feita a partir do material original, mesmo que isso signifique alterar absolutamente tudo.

2 - Leia a respeito do ambiente da obra de ficção.

A maioria das fanfics envolve ficção científica e fantasia, como “Percy Jackson” ou “Jornada nas Estrelas”. Essas são ótimas opções por se passarem em universos complexos, com muito potencial para extrapolar a história original. Entre na internet e leia tudo o que puder. Mesmo que a ideia de escrever uma fanfic seja fugir do original, é bom saber como ele funciona para alterá-lo apropriadamente.

3 - Leia outras fanfics.

Os melhores conceitos para sua história virão da obra original, mas saber como os outros fãs da série usam esse material é muito valioso. Entre neste site, leia as histórias que já existem sobre o tema e perceba como os escritores o utilizam.

Talvez você se depare com algumas fanfictions virtualmente impossíveis de ler por conta da baixa qualidade. Tente se lembrar de que as pessoas por trás das fanfics são fãs amadores aprendendo a desenvolver um enredo, e os níveis de habilidade variam muito. É necessário praticar para escrever bem e ter paciência para encontrar algo bom.

Planejando a Própria História

1 - Decida seu objetivo.

Como as fanfics são muito versáteis, determinar algumas regras para si mesmo antes de meter a mão na massa é importante. A história será longa ou curta? Algumas fanfics viram livros, mas a maioria é composta por contos curtos. Existe todo um debate no mundo dos fãs quanto à extensão ideal de uma fanfiction. A duração da história depende do tema e geralmente é decidida no processo de criação. No entanto, é interessante ter um objetivo claro antes de começar o enredo.

As fanfics mais curtas são chamadas drabbles. Elas devem ter entre 50 e 100 palavras, e a intenção é justamente o desafio de escrever uma história completa em um espaço tão pequeno. Você pode começar por aí para testar suas habilidades sem investir muito tempo.

Existem as fanfics chamadas fluffy, ou “fofinhas”, que costumam ser leves, românticas e engraçadinhas. Além disso, elas são cur-

tas (menos de 1000 palavras) e abordam o personagem a partir de uma vida mundana, não fantástica.

Algumas das fanfics mais elaboradas têm milhares de palavras. Essas costumam ser as mais lidas — o leitor acredita que o final será ótimo, para justificar o tamanho.

Como o estilo da fanfic é essencialmente livre, não é necessário escrever em prosa narrativa. É possível escrever em poesia ou desenvolver uma ilustração do estado mental do personagem em uma determinada cena.

2 - Imagine situações hipotéticas dentro da obra original.

A maior parte das fanfics é baseada em especulação. Seja uma sequência do material ou uma história diferente, tudo começa com o bom e velho: “E se...?”. E se o personagem Fulano morresse (ou não morresse) no começo da trama? O que você acha que acontece depois que os créditos sobem? Esse é o tipo de coisa que você deveria se perguntar durante o planejamento.

Leia o material novamente, se não conseguir pensar em ideias. Se isso não ajudar, leia outras fanfics. Ver exemplos de outros fãs pode inspirar bastante.

Alguns autores se incluem como personagens no enredo, para interagir com os originais. O nome dado a esses personagens é avatar.

3 - Experimente escrever crossovers.

Crossover é o nome dado ao gênero de fanfiction que cruza personagens de universos diferentes na mesma história. Não existem limites para o que pode ser feito entre esses mundos. No entanto, muitos crossovers são ruins porque é necessário ter sensibilidade para misturar universos diferentes em um só. Ainda assim, esse é um estilo muito interessante para escritores criativos.

Por exemplo, mesclar personagens de Percy Jackson e Harry Potter pode render uma boa história.

O crossover é recomendado quando o escritor não consegue se decidir entre uma obra ou outra.

4 - Pense no nível de fidelidade à história original.

Pensar na posição que você assumirá dentro da história é uma ideia bacana. Alguns fãs fazem uma bagunça tão grande com o enredo que o resultado não tem nada em comum, a não ser o nome dos personagens (e olhe lá). Outros tentam ampliar o original mais fielmente. Em geral, não importa o que você decidir, tente se lembrar de que as melhores fanfics preservam ao menos o espírito da obra.

Pense no conceito de verossimilhança. Verossimilhança é o que diz se algo é aceitável como real dentro daquele universo fictício. Descrever o Han Solo da Guerra nas Estrelas como um herói com capa e espada é verossímil, mas dizer que ele é fã de Chaves não é.

5 - Escreva um esboço.

Um bom rascunho pode fazer toda a diferença em uma fanfic. Embora isso pareça sério demais para um hobby tão divertido, saber onde a história pode chegar ajuda a reduzir o bloqueio criativo, tornando a produção mais fluida. Muitas obras de ficção usam um arco dramático parecido. Elas podem ser divididas em:

- **Introdução:** o começo deve ambientar o leitor razoavelmente bem e mostrar as motivações e ações dos personagens principais.
- **Complicação:** algo acontece para estabelecer o protagonista como herói da trama. Em geral, é o antagonista que contribui

para isso, mas nem sempre. O resto da história costuma ser o herói tentando estabelecer a ordem novamente.

- **Meio da trama:** essa parte é onde o mundo fica mais evidente, os relacionamentos entre os personagens são intensificados e os riscos aumentam gradualmente.
- **Clímax:** antes de chegar ao desfecho, há um momento em que o personagem enfrenta o conflito mais problemático, aparentemente indissolúvel. Provavelmente, você se lembra de uma porção de filmes em que isso acontece.
- **Desfecho:** o momento em que o protagonista triunfa. Ele costuma acontecer logo depois do conflito decisivo e se mantém até o final. Pode ocorrer uma revelação da trama seguida da solução final do enredo.

6 - Refine o enredo.

Agora que o esboço existe, será mais fácil descobrir se a história funciona. Antes de começar, leia o que já escreveu e encontre pontos que possam ser excluídos ou explorados. A originalidade de uma obra costuma aflorar durante a edição, que é momento de rever as coisas que não estão de acordo com seu gosto. Lembre-se de que a trama é a parte mais importante da ficção casual. Mesmo que suas habilidades de escritor não sejam incríveis, é possível atrair a atenção de leitores se a história for intrigante.

[...]

(FANFICS BRASIL. **Como Escrever uma Fanfic**. ©2019. Site: fanfics.com.br. Disponível em: <https://fanfics.com.br/dica/5/como-escrever-uma-fanfic-fanfiction>. Acesso: 10 de jul. de 2019.)



Produção de Texto

Título: _____

Autor: _____

Digite seu texto

Sinopse: _____

Iniciada em: _____

Categoria: _____

Terminada em: _____

Gênero(s): _____

Atualizada/ Reescrita em: _____

Personagens: _____

Publicada em: _____

Idioma: _____

Aviso legal: _____

Classificação: _____

Capítulo: _

[illegible]



Produção Final

A reescrita e publicação da fanfiction no blog

Esta etapa do Caderno Pedagógico consiste na reescrita e publicação da versão final das *fanfictions* no ciberespaço (rede), isto é, num *blog* da turma, construído especificamente para essa finalidade. Desse modo, considerando os direcionamentos do professor, em relação ao uso repetitivo de vocábulos na escrita das *fanfictions*, desassociado de sua função coesiva, é preciso que os estudantes façam o emprego adequado de sinônimos, proporcionando a efetiva concatenação dos sentidos construídos no texto.

É necessário destacar a possibilidade de o docente sugerir que a reescrita das *fanfictions* já aconteça no próprio *smartphone* dos alunos. Assim, a entrega da produção final acontecerá mediante a publicação dos textos no *blog* da turma. Outro incremento é oportunizar aos alunos a escolha de uma imagem, vídeo, áudio, dentre outros recursos digitais, com o objetivo de serem adicionados ao texto verbal. Por fim, é pertinente incentivar a leitura, comentário, curtida e compartilhamento das *fanfictions* publicadas, promovendo a construção colaborativa do conhecimento.

A sequência de atividades contempla:

1. Esclarecimentos pontuais sobre as convenções da escrita e sobre os procedimentos a se considerar ao digitar/reescrever o texto no suporte eletrônico (*smartphone, tablet, notebook, etc.*);
2. Reescrita da *fanfiction* no *smartphone* de cada estudante, atentando-se para as orientações sinalizadas pelo professor na produção escrita inicial;
3. Escolha de recursos digitais/midiáticos (imagem, vídeo, áudio, *emoji, smiley, sticker, GIF, etc.*), despertando para as múltiplas semioses;
4. Publicação da *fanfiction* reescrita em rede (*web*), diretamente no *blog* da turma;
5. Leitura, comentário, curtida e/ou compartilhamento das *fanfictions* publicadas no *blog* da turma, favorecendo a interação entre os pares e a construção colaborativa do saber.

Palavras Finais

O Caderno Pedagógico apresentado foi desenvolvido para auxiliar, como instrumento didático, a *práxis* pedagógica de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, contribuindo para o avanço das investigações sobre o texto escrito, pautado no aspecto linguístico que trata sobre o emprego eficaz da coesão referencial por substituição lexical sinonímica na escrita de *fanfictions*.

Ressalta-se que os procedimentos de construção deste material educacional partiram de um referencial teórico variado, que retrata estudos sobre a coesão referencial, textualidade, produção de texto, sinônimos, multiletramentos, letramento digital, sequência didática e sobre o gênero emergente em ambiente digital *fanfiction*. Dessa forma, foram significativas as considerações de estudiosos como: Koch (1999; 2015), Oliveira (2010), Antunes (2009; 2012), Rojo (2012; 2013), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Vargas (2015), dentre outros. Portanto, ao se consultar cada um desses estudiosos, é possível depreender maiores esclarecimentos sobre o processo de confecção das atividades presentes neste caderno.

Digite seu texto

Dessarte, acredita-se que a aplicação desta Sequência Didática propicie um avanço expressivo em relação ao uso dos sinônimos como recurso de coesão referencial na produção escrita dos estudantes, quando também a ampliação do repertório vocabular, por meio da *fanfiction*, o que promove o letramento digital e a abordagem da multiculturalidade e das multissemiões, ou seja, o trato com os multiletramentos. Finalmente, espera-se que o conhecimento oportunizado por meio deste Caderno Pedagógico contribua para significativas melhorias no processo de ensino e aprendizagem e favoreça a prática da escrita como processo nas aulas de Língua Portuguesa, sob um viés de inserção social e protagonismo estudantil.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Maelina Aparecida. *Fanfics, Google Docs...* a produção textual colaborativa. In: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FANFICS BRASIL. **Como Escrever uma Fanfic**. ©2019. Site: fanfics.com.br. Disponível em: <https://fanfics.com.br/dica/5/como-escrever-uma-fanfic-fanfiction>. Acesso: 10 de jul. de 2019.
- GREEN, John. A culpa é das estrelas. **Amazon**, 2019. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Culpa-%C3%89-das-Estrelas/dp/8580572266>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.
- GREEN, John. A culpa é das estrelas. **Adoro Cinema**, 2019. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-218926/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.
- GRIMM, Irmãos. Chapeuzinho Vermelho. **Contos de Grimm**, 2019. Disponível em: http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho. Acesso em: 21 de jun. de 2019.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- INDYTHOMASI. Felicidade Clandestina. *Fanfics Brasil*, 2019. Disponível em: <https://fanfics.com.br/fanfic/59226/felicidade-clandestina-felicidade-clandestina-clarice-lispector>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. **Conto Brasileiro**, 2019. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- MITLESTOE. Chapeuzinho Vermelho – a versão nunca contada. **Nyah! Fanfiction**, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/648905/Chapeuzinho_Vermelho_-_A_versao_nunca_contada/capitulo/1/. Acesso em: 21 de jun. de 2019.
- MRSGREY. Uma carta, uma paixão. **Nyah! Fanfiction**, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/623936/Uma_Carta_Uma_Paixao/capitulo/1/. Acesso em: 26 de jun. de 2019.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ROIPHE, Alberto (org.). **Literatura em jogo**: proposições lúdicas para as aulas de português. Aracaju: Criação, 2017.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- SABINO, Fernando. O homem nu. **Conto Brasileiro**, 2019. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-homem-nu-cronica-de-fernando-sabino/>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.
- SANTANA, Ana Lúcia. Romeu e Julieta. **Infoescola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/teatro/romeu-e-julieta/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.
- SCLIAR, Moacyr. O cavalo imaginário. In: SCLIAR, Moacyr; FONSECA, Rubem; MIRANDA, Ana. Pipocas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THIALY, Lucas. OKAY? OKAY. **Nyah! Fanfiction**, 2019. Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/776707/Okay_Okay/capitulo/1/. Acesso em: 26 de jun. de 2019.
- VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

